
BHAGAVAD GĪTĀ

A MENSAGEM DO MESTRE



Pensamento

**BHAGAVAD
GÎTÂ**

BHAGAVAD GÎTÂ

A MENSAGEM DO MESTRE

Tradução de FRANCISCO
VALDOMIRO LORENZ

EDITORA | PENSAMENTO
SÃO PAULO

O Bhagavad Gîtâ (1), isto è, A Sublime Canção, também designada como a Canção do Senhor ou a Mensagem do Mestre, é uma das obras mais importantes que existem no mundo. Êste livro é altamente prezado pelos budistas e venerado como Escritura Sagrada pelos brâmanes, que, freqüentemente, o citam como autoridade no que se refere à religião hindu. A filosofia nêle exposta é um conjunto harmonioso das doutrinas de Patan-jali, Kapila e dos Vedas.

O Bhavagad Gîtâ é um episódio da grande e antiga epopéia hindu, intitulada Mahâbhârata (2), que contém 250.000 versos, descrevendo a grande

4 6 8 9 7 5

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374, fone: 63-3141,
04270 São Paulo, SP

Impresso em São Paulo, Brasil,
pela EDIPE Artes Gráficas

(1) *Bhagavad*, variação de *bhagavant*, em adscrito significa *sublime*: *Gîtâ*, pronuncie-se *gûitá*) — *canção*. Note-se que, nas palavras sânscritas, *g* tem sempre o som gutural; *h* é aspirado; *sh* lê-se como o *ch* ou *x* chiante (em *chá*, *xarope*); *â*, *t*, *û* têm o som prolongado; *y* é um *i* brevíssimo; *ch* soa *tch*.

(2) *Maha* — grande; *Bhârata* — índia.

guerra entre os Kurus e os Pândvas, que tinha por objetivo a posse de Hastinaptra, um dos centros mais importantes da civilização ariana. Em sua forma literal, apresenta o Bhagavad Gîtâ um interessante diálogo entre Krishna (1) e Arjuna (2), tratando de um fato histórico; mas os Mestres hindus dizem que este livro maravilhoso tem sete sentidos, e aconselham ao leitor esforçar-se por penetrar no seu mais profundo sentido interior ou espiritual.

A leitura desta Sublime Canção é útil para todos: cada um, porém, poderá assimilar e compreender só aquilo que estiver em harmonia com o desenvolvimento de suas faculdades psíquicas e espirituais.

A nossa tradução, baseando-se na edição inglesa do Yogi (3) Ramachâraca, comparada com a edição em sânscrito e latim, publicada por Aug. Guilh. von Schlegel, e com a edição alemã do Dr. Franz Hartmann, tem por fim auxiliar os leitores nesse desenvolvimento, a que todo o ser pensante

(1) *Krishna* (sh lê-se x) representa o Homem-Deus, o nosso Ego (ou Eu) Superior.

(2) *Arjuna* representa o homem no estado evolutivo.

(3) Yoga significa união: *yogi* é aquêlê que realizou a sua união consciente com a Alma Divina.

deve dedicar a sua vida. Não podemos desvendar totalmente o sentido esotérico dêste precioso livro, porque — conforme as leis da natureza superior — cada um há de descobri-lo por si mesmo; acrescentamos, entretanto, notas e observações que serão úteis para aquêles que aspiram à Iniciação.

A cena da ação histórica do Bhagavad Gîtâ transporta-nos à planície da Índia, entre os rios Jumma e Sarsuti, atualmente conhecidos como Kurul e Jheed. Na capital do país, chamada Hastinapura (1), reinava, em tempos remotos, o rei Vichitraviría (2). Casou-se com duas irmãs, mas faleceu sem deixar filhos. Conforme o costume dos antigos povos orientais, Vyâsa (3), irmão do falecido, tomou essas viúvas por espôsas e teve delas dois filhos: Dhritarâshtra (4) e Pându (5). Dhritarâshtra, o mais velho, gerou cem filhos (simbólicos) dos quais o primogênito chamava-se Duryôdhana (6). O mais môço, Pându, teve

(1) Cidade (*pura*) do Elefante (*hastina*).

(2) *Vichitra* — multicôr, de muitas espécies; *viryâ* — poder.

(3) Agrado, prazer.

(4) Representante da vida material; instinto.

(5) Representante do elemento espiritual; intelecto. A palavra *pându* significa *claro, pálido*.

(6) Dificilmente vencível; obstinação.

cinco filhos, todos grandes guerreiros, conhecidos como os cinco principais Pândavas.

Dhritarâshtra perdeu a vista, e continuou a ser rei só nominalmente, entregando o poder real a seu filho Duryôdhana. Êste, com o consentimento do pai, banuiu do país os cinco filhos de Pându, seus primos, os quais, porém, depois de muitas vicissitudes, viagens e aventuras, voltaram à sua terra natal, acompanhados de muitos amigos e partidários, e formaram um poderoso exército aproveitando os guerreiros que lhes forneceram os reis vizinhos. Com as suas fôrças, marcharam para o campo dos Kurus, empreendendo uma campanha contra o ramo mais velho da família, os partidários de Dhritarâshtra, os quais se reuniram sob o comando de Duryôdhana, que substituíu o seu pai cego; e, em nome da família dos Kurus, começou o ramo mais velho a opôr resistência à invasão e aos ataques dos Pândavas.

O Bhagavad Gîtâ apresenta-nos êsses dois exércitos, preparados para o combate. O comando ativo dos Kurus, cujo chefe é Duryôdhana, está nas mãos do velho general Bhishma (1), ao

(1) Terror; egoísmo.

passo que o supremo comando dos Pândavas é o famoso guerreiro Bhima (2). Arjuna, um dos cinco príncipes Pândavas e um dos principais caracteres desta história, estava presente, ao lado de seus irmãos, e acompanhado em seu carro de guerra por Krishna, reputado pelos hindus como encarnação humana do Espírito Supremo.

Krishna, amigo e companheiro de Arjuna, a quem amava por causa de sua nobre alma e a resignação, com que êste suportava as perseguições.

A batalha começou, quando Bhishma, o comandante dos Kurus, deu o sinal, tocando a sua cometa ou concha, sendo seu toque imitado pelos seus partidários, e respondido pelos Pândavas. Arjuna pediu a Krishna, ao princípio da batalha, que deixasse parar o carro no meio do espaço entre os dois exércitos inimigos, para ver de perto as principais pessoas que tomavam parte na luta. Vendo, então, seus parentes e amigos, tanto de um como do outro lado, ficou horrorizado por constatar que se tratava de uma guerra fratricida, e declarou a Krishna que antes queria morrer iner-me e sem se defender, do que matar seus parentes. Krishna respondeu-lhe com um notável dis-

(2) Terrível; a vontade espiritual.

curso filosófico que forma a maior parte do Bhagavad Gîtâ, fazendo Arjuna reconhecer a necessidade dessa luta, em que êle e os seus partidários, finalmente, alcançariam completa vitória sôbre os

Kurus.

O autor põe a narração de tudo isso na bôca de Sanjaya (1), fiel servidor do rei cego, Dhritarâshtra.

Como já dissemos, além do sentido histórico, material ou literal, tem o Bhagavad Gîtâ (como tôda Escritura Sagrada: a Bíblia, os Vedas, o Corão, etc), ainda vários graus do sentido espiritual ou esotérico; e para que os nossos leitores possam, com facilidade, descobri-lo, lhes diremos que a luta aqui descrita é a que se trava no interior de cada homem, entre o "Bem" e o "Mal". Arjuna, o Homem, acha-se colocado no campo de suas ações, entre dois exércitos inimigos, dos quais os Pândavas representam as forças superiores, e os Kurus, as fôrças inferiores da alma. Ali está Arjuna, o filho de Kunti (isto é, da Alma) contra os seus parentes, os filhos de Dhritarâshtra (Vida material) ameaçado pelo Egoísmo, pelos

(1) Sanjaya — vitorioso.

seus prazeres e pelas suas paixões, que formam um poderoso exército de ilusões: a sua tarefa é vencê-las, para chegar ao conhecimento de sua verdadeira essência divina. Mas, como muitas dessas ilusões se lhe tomaram agradáveis, acha difícil combatê-las. A seu lado, entretanto, tem valentes guerreiros: a sua Consciência, o Amor do Bem e da Verdade, a Obediência à Lei Suprema, a Fé, a Convicção, etc.

Krishna, que lhe explica a verdadeira natureza humana e a sua relação com Deus, é o Verbo de Deus, Logos ou Cristo em nós, o nosso superior, imortal Ego Divino.

ॐ AUM (1)

श्रीभगवद्गीता

Bhagavad-Gîtâ

CAPÍTULO I O DESÂNIMO

DE ARJUNA

Neste capítulo se descreve o combate entre o "Bem" e o "Mal", que provém do rompimento da Unidade, tanto no Homem como na Natureza. O Homem, representado por Arjuna, acha-se rodeado de ilusões que pertencem à sua natureza inferior, mortal, e deve vencê-las; porém, como se acostumou a identificar-se com elas, falta-lhe o necessário ânimo.

1. Disse *Dhritarâshtra* (2). rei dos Kurus, falando com o fiel Sanjaya:

(1) Em nome de Deus! Palavra Sagrada entre os hindus, alusiva à Trindade Divina.

(2) Representante da Vida material (fôrças cegas).

"Conta-me, ó Sanjaya, os feitos dos meus guerreiros e os do exército dos Pândavas, quando se reuniram para se combaterem no sagrado campo dos Kurus".

2. Pôs-se a relatar *Sanjaya*:

"Quando o teu filho *Duryôdhana* (1), o comandante supremo dos teus exércitos, ó rei, avisou as falanges dos Pândavas (2), preparadas para o combate, se aproximou do seu preceptor *Drô-na*, o filho de *Bharadvaja*, e disse:

3. Vê, ó Mestre, as poderosas multidões dos filhos de Pându, que constam de vastas fileiras de guerreiros experientes e audaciosos, comandadas pelo valente e sábio filho de Drupada, teu discípulo.

4. Vê como é grande o número daqueles combatentes fortes que ali estão em seus carros de guerra e com seus arcos e flechas. Há, entre eles, heróis iguais a Bhima (3) e Arjuna (4).

(1) Dificilmente vencível; obstinação.

(2) Os *Kurus* representam as forças inferiores da alma humana; os *Pândavas* (ou filhos de *Pându*), as forças superiores.

(3) *Bima* (terrível) é a vontade espiritual. (4)

Arjuna é o homem em seu desenvolvimento.

5. Lá estão: Virâta, Yuyudhâna, Drupada, Dhristakêtu, Chekitâna, o rei dos Kasis, Purujit, Kuntiboja, Saivya.

6. Ali estão: o audaz Yudhâmanyo, o forte Uttamauja, o filho de Subhadra e todos os filhos de Drupada (1).

7. Porém, igualmente do nosso lado, sob o meu comando, encontros os melhores generais e heróis do nosso povo.

8. Aqui estás tu mesmo, e conosco se Vê Bhishma, Karna, Kripa, Asvatthâman, Vikarna, Somadatti.

9. Todos êstes e muitos outros guerreiros fortes, valentes e experimentados, trazendo as suas armas favoritas, prontos estão para combater por nossa causa e, com entusiasmo, arriscarão a vida por mim.

10. Porém, ó Mestre hei de confessar-te que êste nosso exército, se bem que muito valen-

(1) Os heróis mencionados aqui e nos seguintes versículos representam forças intelectuais, inclinações, faculdades, paixões, artes e ciência. Os "carros" são os corpos pelos quais essas forças se manifestam no homem. As forças inferiores são servidoras do egoísmo e do instinto cego, ao passo que as superiores agem em harmonia com a Vontade Divina.

te e comandado por Bhishma (2), na minha opinião não tem o número e a força suficientes, enquanto era nossa frente está o inimigo, comandado por ma, em posição ameaçadora, e muito mais forte..

11. Ordena, pois, aos capitães do meu exército que todos ocupem os seus lugares e que se preparem para auxiliar e defender o nosso comandante Bhima."

12. Soprou então Bhima, o velho chefe dos Kurus, em sua grande corneta e o seu toque soou como o rugido do leão, excitando a coragem e o ânimo de seus guerreiros.

13. E, em resposta, imediatamente se ouviu o som tumultuoso de inumeráveis outras cornetas e conchas, címbalos, tambores e trombetas, nas falanges dos Kurus.

14. Igualmente deram sinal bélico Krishna, a encarnação de Deus, e Arjuna, filho de Pându, que estavam em seu magnífico carro de guerra,

(2) *Bhishma* (terror) é o egoísmo. O exército do Kurus, isto é, as forças inferiores, têm por chefes o Egoísmo e a obstinação; o exército pândava, isto é as forças espirituais, superiores, obedecem à vontade Divina.

ornado com ouro e pedras preciosas, e puxado por cavalos brancos (1). E responderam os instrumentos dos Pândavas em som repetido o desafador, como o som de trovão violento.

15. A corneta que tocava Krishna, o dominador dos sentidos, fôra feita de osso de gigante. O nome da corneta de Arjuna era Devadatta (dom de Deus).

16. O forte Bhima tocava a corneta com o nome de Paundra (o Povo). Yudishtira, filho de Kunti, a "Vitória"; Nakula e Sahadeva tocavam a "Harmonia" e a "Glória".

17. Ouvia-se o toque dos famosos guerreiros Kâsya, Sikhandin, Dhrishtadyumna, Virâta, Sâ-tyakij

18. E de Drupada e seu povo, e dos filhos valentes de Subhadra.

19. E vibrou o ar, como quando se prepara uma horrível tempestade, e a superfície da terra vibrou no mesmo ritmo. E o povo de Dhritarâshtra estremeceu aterrorizado.

(1) *Branco* é o símbolo da pureza; *cavalo*, o símbolo da força e da obediência.

20. Então *Arjuna*, em cuja cimeira figurava um macaco (1), vendo que os Kurus estavam já em ordem de batalha, e que as flechas começavam a voar pelos ares, tomou na mão o seu arco e disse a Krishna, que estava com êle no carro:

21. "Faze parar, ó Imutável, o nosso carro no meio do espaço entre êstes dois exércitos opostos.

22. Quero ver de perto os que aqui estão reunidos com o desejo de nos matarem, e com os quais devo travar sangrento combate.

23. Deixa-me ver os meus inimigos, os partidários insensatos do malicioso e vingativo filho de Dhritarâshtra".

24. Quando Arjuna assim falou, Krishna fêz parar o carro no meio do espaço entre os dois exércitos contrários (2).

25. Ali, em frente de Bhishma, Drôna e dos outros principais da terra, disse Krishna a Arjuna: "Vê, ó filho de Prithi, a família dos Kurus, ali reunida!"

(1) Tomado como símbolo da audácia e engenho.

(2) *Antâskârana*, a "ponte" ou o "caminho" entre a terrena e a divina parte da mente.

26. E viu Arjuna que, divididos em dois partidos bélicos, ali estavam seus parentes: pais e filhos, irmão, cunhados, avós e netos, tios e sobrinhos, sogros e genros.

27. Notou também que mestres, benfeitores, amigos e camaradas ali estavam, preparados para se combaterem reciprocamente (1).

28. E quando Arjuna viu isso, entristeceu-se no seu nobre coração e, cheio de aflição e dó, proferiu estas palavras:

29. Ó Senhor, vendo eu as faces e os vultos dos parentes que querem lutar uns contra os outros, sinto exaustos de fôrças os meus membros e sem sangue o meu coração.

30. As minhas pernas tremem, os meus braços não me obedecem; a minha face está em agonia; a febre queima-me a pele; os pensamentos se confundem no meu cérebro; todo o meu corpo está em convulsões de horror; o arco cái das minhas mãos.

(1) Também as fôrças "inimigas" são nossos amigos e mestres, pois por meio delas é que alcançamos a experiência: elas são os degraus pelos quais o homem sobe até ao conhecimento perfeito de si mesmo.

31. Maus sinais vejo nos ares, e estranhas vozes ouço falar ao redor de mim; estou todo confuso e indeciso. Não vejo nada de bom em matar em guerra os meus parentes e meus companheiros.

32. Não desejo a glória de vencedor, 6
Krishna! Não aspiro nem ao reino nem aos prazeres, nem ao domínio; para que me serve o domínio, a riqueza ou a vida mesma?

33. Todas estas coisas me parecem muito vãs e sem agrado, enquanto que aqueles para quem tudo isso seria desejável desprezam a própria vida!

34. Tutores, pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, primos, cunhados, mestres e companheiros vejo perante mim: não quero matá-los, embora eles tenham sede do meu sangue.

35. Não quero matá-los, embora com isso obtivesse o reino dos três mundos, quanto mais pelo governo de um pedaço de terra!

36. Se eu matar os meus consangüíneos, os filhos de Dhritarâshtra, que felicidade ou gozo poderia me alegrar!! Se nós os derrotarmos, o remorso seria o nosso companheiro contínuo.

37. Penso que devemos abster-nos de matarmos os nossos parentes e consangüíneos; porque como poderemos ser felizes, se exterminamos a nossa própria raça?

38. Não podemos desculpar-nos dizendo que eles são tão depravados e sedentos de sangue, que não vêem mal algum em derramarem o sangue de seus parentes e amigos.

39. Tal argumento não nos justifica, porque nós sabemos melhor que a matança dos parentes é grande pecado e horror.

40. Tem-nos sido ensinado que, com o extermínio de uma geração, se destrói a virtude, e com a destruição da virtude e da religião de um povo, apoderam-se de toda a raça o vício e a impiedade.

41. Onde reina a impiedade, corrompem-se também as mulheres nobres, e onde a mulher está corrompida, desaparece a pureza do sangue.

42. A adulteração do sangue é precursora do esquecimento dos ritos devidos aos antepassados, e estes (se as doutrinas do povo são verdadeiras) (1), sendo privados dos sacrifícios de que se sustentam, caem das alturas celestes.

(1) A tradição, que prescrevia o respeito à família, aos parentes, aos instrutores, aos ritos, a instituição e de-

43. A conseqüência de tal corrupção é o aniquilamento dos destruidores da raça e dos direitos eternos da família.

44. Os homens que destroem a religião da família, vão para o inferno. Assim nos ensinam os nossos livros sagrados.

45. Ai de mim! Ai de nós, que nos estamos preparando para cometer o horrível crime de matar os próprios parentes e consangüíneos pela bagatela de obter o domínio pelo desejo do poder!

46. Eu preferiria entregar o meu peito descoberto às armas dos Kurus, e deixá-los beber o sangue do meu coração. Eu preferiria esperar a sua chegada, desarmado, e receber deles o golpe mortal, sem me defender. De certo, isto seria melhor para mim do que cometer êsse horrível crime! Ai de mim! Ai de nós todos!"

47. Assim clamando, sentou-se Arjuna no banco do carro e deixou cair o arco e as flechas da sua mão, todo entregue à aflição e ao desespero que lhe consumiam o coração.

veres das castas, sem o que a alma cairia em condições piores, antes e depois da morte.

CAPÍTULO II

SANKHYA YOGA — A VERDADEIRA NATUREZA DO ESPÍRITO

Neste capítulo se ensina como se pode, por meio da meditação filosófica, obter a verdadeira concepção do Universo, isto é, o conhecimento da nulidade e instabilidade de todas as formas que existem no mundo dos fenômenos, em contraste com o Sêr Eterno, e como êste conhecimento nos conduz ao caminho da liberdade espiritual e da imortalidade.

Continua *Sanjaya* a contar:

1. *Krishna*, cheio de amor, piedade e compaixão, disse a Arjuna, vendo a sua pungente tristeza e as lágrimas nos seus olhos:

2. "Donde te vem, ó Arjuna, essa pusilanimidade? Esta fraqueza, indigna de um homem, faz-te infeliz, pois te fecha as portas do céu (1).

(1) O homem que está cheio de medo e dúvidas afasta-se por si mesmo do céu da bem-aventurança, que é próprio à alma que conhece a verdade.

3. Não te entregues a ela; sacode de ti essa cisma desprezível; levanta-te resoluto e bravo, 6 vencedor de inimigos 1"

4. Respondeu *Arjuna*:

"Ó meu caríssimo I como posso eu atacar e combater a Bishma e Drôna, quando a ambos respeito e estimo?!"

5. Seria melhor, para mim, comer o pão seco e sem sabor de mendigo, do que ser o instrumento de morte a êstes nobres e respeitáveis homens, que eram meus preceptores e mestres! É verdade que êles são ávidos dos meus bens; mas como poderia eu gosar a riqueza e o poder, sôbre os quais há manchas de sangue dos meus queridos?!"

6. Não posso dizer se 6 melhor que nós os vencamos ou que êles nos vençam a nós. Mas sei que eu não desejaria viver nem um minuto mais, se visse morrer os meus parentes e amigos, os filhos do rei Dhritarâshtra e o povo de Kuru.

7. Compaixão e ânsia comprimem o meu coração, e a minha mente vacila diante do problema que se lhe apresenta. Não sei o que devo fazer. Dissipa tu, ó Krishna, estas dúvidas; dize-

me, qual é o meu dever. Eu sou teu discípulo: prostrado perante Ti, peço que me dês as instruções de que careço.

8. Tão confuso está o meu entendimento, que não posso descobrir nada que acalme a febre da minha mente; o meu interior está em fogo que seca as minhas faculdades. Ainda que eu ganhasse um reino na terra, cujo brilho excedesse a todos os outros reinos como o sol excede às estrêlas, ou conseguisse o poder dos deuses e o domínio sôbre os exércitos celestes, minha aflição não diminuiria. Não, eu não quero combater."

9. Continua *Sanjaya*: Depois de ter falado assim ao Senhor da Criação, Arjuna caiu em silêncio.

10. Então Krishna, sorrindo ternamente, dirigiu ao desanimado as seguintes palavras, achando-se ambos no meio do espaço entre os dois exércitos:

Palavras do Verbo Divino (1)

11. "Sem necessidade te entristeces e afliges ; contudo, as tuas palavras têm grãos de verdade. Elas exprimem a sabedoria do mundo ex-

(1) Krishna é o representante do Verbo Divino ou Logos (Cristo em nós).

terior (esotérica), mas não satisfazem à mente interior (esotèricamente); são, pois, apenas a expressão de uma parte da verdade. Os sábios não se entristecem nem por causa dos vivos nem por causa dos mortos.

12. Sabe, ó príncipe de Pându, que nunca houve tempo em que não existíssemos eu ou tu, ou qualquer dêstes príncipes da terra; igualmente, nunca virá tempo em que algum de nós deixe de existir (1).

13. Assim como a alma, vestindo este corpo material, passa pelos estados de infância, mocidade, virilidade e velhice, assim, no tempo devido, ela passa a um outro corpo, e em outras encarnações, viverá outra vez. Os que possuem a sabedoria da doutrina esotérica (interior), sabem isto é, não se deixam influenciar pelas mudanças a que está sujeito êste mundo exterior.

14. Os sentidos dão-te, pelas apropriadas faculdades mentais, o sentimento do calor e do frio, do prazer e da dôr. Mas estas mudanças

(1) O que no homem é divino, o seu Sêr verdadeiro, é eterno. Não nasce nem morre, e forma a sua individualidade, que aparece periodicamente, vestida de corpo material, mas é independente dêle.

vêm e vão, porque pertencem ao temporário, impermanente, inconstante. Suporta-as com equanimidade, valentia e paciência, ó príncipe!

15. O homem que não se deixa mais atormentar por essas coisas, — que se conserva firme e inabalável no meio do prazer e da dôr, — que possui a verdadeira igualdade de ânimo: esse, crê-me, entrou no caminho que conduz à imortalidade.

16. Aquilo que é irreal, ilusório, não tem em si o Sêr Real, não existe na realidade, e sim só na ilusão; e aquilo que é o Sêr Real, nunca cessa de ser, — nunca pode deixar de existir, apesar de todas as aparências contrárias. Os sábios, ó Arjuna, fizeram pesquisas relativas a isto e descobriram a verdadeira Essência e o sentido interior das coisas (1).

17. Sabe que o Sêr Absoluto, de que todo o Universo tem o seu princípio, está em tudo, e é indestrutível. Ninguém pode causar a destruição dêsse Imperecível (2).

(1) Só aquêle Sêr, no homem que é penetrado pela Verdade, pode conhecê-la, porque a Verdade é a sua essência e conhece-se, no homem, a si mesma.

(2) O corpo é o instrumento do Espírito; é a sombra incorporizada, em que a Luz se esforça por manifestar-se.

18. Êstes corpos caducos, que servem como envoltórios para as almas que os ocupam, são coisas finitas, coisas do momento, e não são o verdadeiro homem real. Êles perecem, como tôdas as coisas finitas; deixa-os perecer, ó príncipe de Pându, e, sabendo isto, prepara-te para o combate.

19. Aquele que pensa, em sua ignorância: "Eu mato" ou "Eu serei morto", procede como criança que não tem conhecimento da verdade, porque o que *Ê* na realidade, é eterno, e o Eterno não pode matar nem ser morto.

20. Conhece esta verdade, ó príncipe! O Homem real, isto é, o Espírito do homem, não nasce nem morre. Inato, imortal, perpétuo e eterno, sempre existiu e sempre existirá. O corpo pode morrer ou ser morto e destruído; porém, aquêle que ocupou o corpo, permanece depois da morte dêste (1).

21. Quem conhece a verdade de que o Homem real é eterno, indestrutível, superior ao tempo, à mudança e aos acidentes, não pode cometer

(1) O Espírito é a vida mesma; isto é, a Vida Eterna, de que a vida exterior, corporal, é só um reflexo, uma manifestação de ordem inferior.

a estultice de pensar que pode matar ou ser morto.

22. Como a gente tira do corpo as roupas usadas e as substitui por novas e melhores, assim também o habitante do corpo (que é o Espírito), tendo abandonado a velha morada mortal, entra em outra, nova e recém-preparada para êle (1).

23. O Homem real, o Espírito, não pode ser ferido por armas, nem queimado pelo fogo; a água não o molha, o vento não o seca nem move.

24. Êle é impermeável, incombustível, indissolúvel, imortal, permanente, imutável, inalterável, eterno, e penetra tudo.

25. Em sua essência, é invisível, inconcebível, incognoscível (2). Sabendo isto, não te entregues à aflição pueril.

(1) A reencarnação é uma lei universal em tôda a natureza. O espírito do homem desencarnado volta, depois de um tempo de descanso, a ocupar um novo corpo, formando assim nova pessoa. Enquanto a alma não tem conhecimento espiritual de si mesma êste processo é inconsciente.

(2) Isto é, para o intelecto exterior; mas é cognoscível para a percepção interior de homem espiritualmente iluminado.

26. Se, porém, não o crês, e pensas que nascimento e morte são coisas reais, mesmo assim te pergunto: por que te lamentas e entristeces?

27. Pois, em verdade, a morte deriva do nascimento, e o nascimento dimana da morte. Não te aflijas, pois, pelo inevitável.

28. Aqueles que carecem da Sabedoria Interior, ignoram de onde Vimos e para onde vamos; conhecem só aquilo que é transitório. No Sêr Eterno, tôdas as coisas são compreendidas no estado invisível; depois se fazem visíveis, e na morte tornam a ser invisíveis. Por que então, lamentar?

29. Quanto à alma, o Homem real, Espírito ou Sêr Eterno, alguns o tomam por coisa maravilhosa; outros ouvem falar e falam dêle como de uma maravilha, com incredulidade e sem compreensão. Mas a mente mortal não compreende esse mistério, nem o conhece em sua natureza verdadeira e essencial, apesar de tudo o que foi dito, ensinado e pensado a seu respeito (1).

30. O Espírito, êsse Homem real que habita o corpo, é invulnerável e indestrutível: é a

(1) Só pode compreender o Ser Eterno, quem o realizou em si mesmo.

vida mesma, Não há, pois, motivo para te abandonares à aflição e tristeza.

31. Deves estar atento ao teu dever. Tu, que és um príncipe da casa dos guerreiros, tens por dever combater com resolução e heroísmo.

32. O dever de um soldado é combater, e combater bem. O combate justo honra o guerreiro e abre-lhe a porta do céu.

33. Se desistires da legítima luta pela verdade e pelo direito, cometerás um grande crime contra a tua honra, contra o teu dever e contra o teu povo.

34. Os homens de perto e de longe falarão de ti com desprezo, classificando de vergonhoso o teu proceder; e a vergonha e a desonra são piores do que a morte para quem é de nobre nascimento.

35. Todos os generais pensarão que foi por medo que fugiste do campo de batalha, e te tratarão como covarde; e aquêles que até agora te estimam, desprezar-te-ão.

36. Os teus inimigos espalharão má fama a teu respeito; com burla e com desdém falarão de ti e de tua falta de coragem. Poderia acon-tecer-te coisa pior?

87. Se fôres morto em batalha, o céu dos guerreiros será a tua recompensa; se fôres o vencedor, será teu o domínio sôbre a terra. Tem, pois, coragem, ó filho de Kunti, e decide-te a combater com ânimo firmei

38. Com a mente tranqüila, aceita como igual o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota. Cinge-te para a peleja, cumpre o teu dever, e evita assim o pecado.

39. O que te expus, ó Arjuna, é a doutrina de *Sankya*, filosofia especulativa da vida e das coisas. Agora, prepara-te também para ouvir a doutrina de uma escola, chamada *Yoga*. Se com a devida profundidade e concentração, chegares a compreender estas verdades, libertar-te-ás das cadeias das ações.

40. Nada de teus esforços se perde neste caminho; já a menor porção desta ciência e prática (1) nos livra de grande mêdo e perigo.

41. Neste ramo de ciência, há um só objeto em que a mente pode concentrar-se com segurança, muito ao contrário de outros campos de esfor-

(1) *Yoga* significa "união", não só no sentido de doutrina filosófica, como também *na prática*; o saber teórico sem a realização prática não tem valor.

ço mental, cheios de múltiplos ramos, numerosos caminhos e divergentes fins.

42. Muitos há que, saciando-se com as letras (ou com o sentido exterior, superficial) das Sagradas Escrituras e doutrinas, e não podendo perceber o seu verdadeiro sentido interior, acham grande deleite em controvérsias técnicas a respeito do texto, em definições monstruosas e abstrusas interpretações.

43. Os corações desses homens estão cheios de desejos e esperanças pessoais; o seu mais alto ideal é um céu, onde acham todos os objetos de seus prazeres, a satisfação do seu sensualismo, e não se elevam à altura de onde se percebe a união de todos os sêres. Usam palavras floreadas, inventam várias cerimônias e falam muito dos prêmios que esperam aqueles que as observam, e dos castigos em que caem os que são de outras opiniões.

44. Fica, porém, sabendo que laboram em erro; é-lhes desconhecido o uso da Razão concentrada, e estranhas lhes são as alturas da consciência espiritual.

45. Os *Vedas* (isto é, as Sagradas Escrituras) tratam das três *gunas* ou *qualidades* da Na-

tureza (1) e instruem os pensadores a se elevarem acima delas. Liberta-te, ó Arjuna, dessas gunas; sê livre dos contrastes das forças opostas da natureza, que pertencem à vida finita e às coisas sujeitas à mudança. Procura para teu descanso a consciência do teu Eu Real, a Verdade eterna. Deixa longe de ti os cuidados mundanos e a avidez de possessões materiais. Concentra-te em ti mesmo, e não te entregues às ilusões do mundo finito.

46. Como de um tanque, em que de todos os lados aflui água, pode-se tirar o fluído cristalino para encher-se com êle muitos vasos de diferentes formas e dimensões, assim as doutrinas dos livros sagrados fornecem à mente do estudante sério, tudo aquilo de que êle precisa para chegar ao conhecimento das coisas divinas, conforme o grau e o caráter de seu desenvolvimento.

47. Seja, pois, o motivo das tuas ações e dos teus pensamentos sempre o cumprimento do dever, e faze as tuas obras sem procurares recompensa, sem te preocupares com o teu sucesso ou insucesso, com o teu ganho ou o teu prejuízo pessoal. Não cáias, porém, em ociosidade e ina-

ção, como acontece fàcilmente aos que perderam a ilusão de esperar uma recompensa das suas ações.

48. Coloca-te no meio entre êsses dois extremos, ó príncipe, e cumpre, em tranqüila resignação, o dever por ser dever, e não pela expectativa da recompensa. Conserva ânimo igual na ventura ou desventura: assim é que faz o yogi.

49. Por muito importante que seja a tua reta ação, o primeiro lugar pertence sempre ao reto pensamento. Procura, portanto, o teu refúgio na paz e na calma do reto pensar, ó Arjuna: porque aquêles que baseiam o seu bem-estar só nas ações, com estas necessàriamente perdem a felicidade e a paz, e caem na miséria e no descontentamento.

50. Quem atingiu a consciência de yogi, é capaz de elevar-se acima dos resultados bons e maus. Esforça-te por atingir esta consciência, porque ela é a chave que abre o mistério da ação.

51. Os sábios, que renunciam mentalmente os frutos possíveis de suas retas ações, libertam-se das cadeias dos renascimentos e se encaminham para a morada eterna.

52. Quando te tiveres elevado acima da trama das ilusões, não te inquietarás com os cuida-

(1) Veja se o Capítulo XIV. 36

dos e questões a respeito das doutrinas, nem com as disputas sobre ritos, cerimoniais e outros enfeites dispensáveis da vestimenta da idéia espiritual.

53. Livre serás, então, de tôdas as opiniões alheias, tanto das que se acham nos livros sagrados, como das dos teólogos eruditos ou dos que ousam interpretar o que não compreendem; em lugar disso, fixarás a tua mente na mais séria contemplação do Espírito, e assim alcançarás a harmonia com o teu Eu real, que é a base de tudo".

54. Diz *Arjuna*:

"Explica-me, ó Mestre cujos raios de saber tudo penetram, quais são os sinais distintivos que caracterizam os homens sábios, aqueles que são firmes e constantes no conhecimento e fixos na contemplação; como se comportam e como agem? Como se pode reconhecê-los?"

55. Fala o *Verbo Divino*:

"Quando um homem, ó príncipe, quebrou os vínculos dos desejos do seu coração e está internamente satisfeito consigo, atingiu a Consciência Espiritual e firmou-se no conhecimento.

56. A sua mente não é turbada nem pela adversidade nem pela prosperidade: aceita ambas,

sem apegar-se a nenhuma. Nêle não tem parte a ira, nem o medo, nem as paixões; êle merece o nome de sábio.

57. Com equanimidade suporta as vicissitudes da vida, tanto as favoráveis como as desfavoráveis ; não se entrega nem à alegria excessiva, nem à tristeza. Nada lhe rouba a liberdade.

58. Quando um homem chegou a possuir a verdadeira sabedoria espiritual, é semelhante à tartaruga que encolhe para dentro da sua casa os seus membros:

Assim o homem sábio é capaz de desviar os seus sentidos dos objetos que nêles produzem impressão, e abrigá-los das ilusões do mundo exterior, protegendo-os pela armadura do Espírito.

59. É verdade que o homem que se abstém dos excessos sensuais, é capaz de negar a satisfação aos sentidos; tal homem, porém, ainda é inquietado pelos desejos de gratificação. Mas aquêle que achou o seu Eu Real dentro de si, é livre até do desejo e de tôda tentação que desaparecem como a sombra ante a luz meridiana.

60. O homem que se abstém, às vêzes sucumbe ainda ao ataque repentino de um desejo tumultuoso; mas quem conhece que o seu Eu Real

é a única realidade, êsse é senhor de si mesmo, de seus desejos e de seus sentidos.

61. Tendo vencido os sentidos, pode descansar em minha Divindade, contemplando o Sêr Real; o irreal, o ilusório, não existe para êle.

62. Quem anela objetos dos sentidos, nos quais pensa e os quais contempla, fica atraído e enlaçado por esses objetos; desta atração e dêste enlace provém o desejo, e o desejo gera a paixão.

63. A paixão é a causa da perturbação mental e da temeridade; estas trazem a confusão e a perda da memória (das verdades já reconhecidas) ; da perda da memória resulta a perda da razão, e, com isso, perde-se o homem totalmente.

64. Mas quem, senhor de si mesmo, encontra os objetos dos sentidos, sem a êles anelar e sem dêles fugir, êsse alcança a Paz.

65. E na Paz que é superior a todo intelecto, êle encontra a sua libertação de tôdas as aflições e dôres da vida. Quando, porém, a sua mente está livre destes elementos de inquietação, fica aberta ao influxo da sabedoria e da ciência.

66. Não podem chegar à verdadeira ciência aqueles que não entraram nessa Paz, pois, sem

a Paz e sem a calma não é possível existir sabedoria, nem felicidade.

67. Onde não há Paz, encontra-se sòmente a tormenta dos desejos sensuais, que destrói a faculdade do saber, assim como um feroz vento borrascoso impede o forte navio que caminha pelas ondas do Oceano.

68. Por isso, ó príncipe, só aquêle cujos sentidos são plenamente livres de atração dos objetos sensuais e protegidos pelo saber do Espírito, tem o verdadeiro conhecimento.

69. Aquilo que parece ser claridade de dia à massa do povo, é para êle escuridão e ignorância; e aquilo que é noite para a multidão, êle reconhece como luz meridiana. Isto quer dizer que aquilo que à gente do mundo sensorial parece ser real e verdadeiro, para o sábio é ilusão ; e aquilo que a maior parte dos homens julga ser irreal e não existente, o sábio conhece como o único que é Real e existente.

70. O homem, cujo coração é como o Oceano, a que afluem todos os rios e que, apesar disso, permanece constante e não sái dos seus limites, — o homem que sente o ímpeto dos desejos, das paixões e inclinações, mas que, todavia, fica imó-

vel, — êsse alcança a Paz (1). Aquêle, porém, que se entrega aos desejos, não conhece a Paz, e é escravo dos desejos inquietantes.

71. Aquele que se separou dos efeitos dos desejos, e abandonou os prazeres da carne, tanto em pensamento como em ação, caminha diretamente para a Paz. Quem deixou atrás de si o orgulho, a vangloria e o egoísmo, caminha diretamente para a Bem-aventurança.

72. Êste é, ó príncipe de Pându, o estado da união com o Sêr Real, o estado bem-aventurado da Consciência Espiritual. Quem o atingiu, não se deixa embaraçar nem desviar pela ilusão. E quem, havendo-o atingido, nêle permanece na hora da morte, entra diretamente em *Nirvana* (2), em *Brama*, (3), no seio do Pai-Eterno."

(1) Tal estado, em que todos os desejos e todos os pensamentos "dormem", mas em que se sente a mais elevada consciência da Divindade, chama-se (com o têrmo sâns-crito) *Samadhi*.

(2) A palavra *Nirvana* designa a desapareição de tôdas as ilusões; é o domínio completo do espírito sôbre a matéria.

(3) *Brama* — Deus Criador.

CAPITULO III

KARMA YOGA — O RETO CUMPRIMENTO DA AÇÃO

Tudo o que o homem faz com motivos pessoais, é sem valor para o Eterno. Para atingirmos a salvação e a união com Deus, havemos de agir sem motivos egoístas, sem tomar em consideração o nosso próprio Eu pessoal, entregando-nos à Vontade Divina como um instrumento na mão de Deus e, assim, cumprindo o nosso dever por ser dever, sem pedir recompensas.

1. Falou *Arjuna*, o príncipe Pândava, a Krishna, o Senhor Bem-aventurado, dizendo:

"Ó Conferidor do Saber! Disseste-me que o conhecimento é até mais importante do que a ação; se assim é, por que me incitas à ação? Por que queres que eu entre nesta horrível batalha com meus parentes e amigos?"

2. Tuas ambíguas palavras me trazem dúvidas e me confundem o entendimento. Dize-me, peço-te, em frases claras e certas, qual é o caminho que me conduzirá à Paz e à Satisfação?"

3. Respondeu *Krishna*, o Divino: "Como já te disse, ó nobre príncipe, há dois caminhos que vão à Perfeição. O primeiro é o caminho do *Conhecimento* (1), e o segundo o da *Ação* (2). Uns preferem o primeiro, e outros, o segundo desses dois caminhos; sabe, porém, que considerados do alto, ambos são um só caminho. Escuta!

4. Engana-se quem pensa que, esquivando-se das ações e persistindo na inatividade, escapa dos resultados da ação. Quem nada começa, não pode entrar no estado da Paz Eterna; a inatividade não conduz à Perfeição. E, na realidade, nem há coisas que se possam designar pela palavra inatividade; pois tudo, no Universo, está em atividade constante, e nada pode subtrair-se à lei geral.

5. Ninguém pode ficar inativo nem um instante; pois as leis de sua natureza o impelem constantemente a fazer alguma coisa, queira êle ou não; o seu corpo ou a sua mente, ou ambos, sempre estão ocupados.

(1) Sankhya.

(2) Yoga.

6. Se alguém se assenta para reter e dominar os seus sentidos e os órgãos de atividade, mas, em sua mente, está apegado aos objetos dos sentidos, ilude-se e merece o nome de hipócrita.

7. Porém, é digno de ser chamado sábio e nobre aquêle que sujeitou os seus sentidos a Deus, pelo amor ardente ao Altíssimo, e expressa o seu reto pensar em reta ação; êle cumpre o seu dever, sem esperar recompensas e, ocupando-se de objetos dos sentidos, não se deixa dominar por êles.

8. Faze bem o que te compete fazer no mundo; cumpre bem as tuas tarefas; ocupa-te da obra que encontras, para fazê-la o melhor possível: assim será muito bom para ti. Atividade é melhor do que ociosidade. A atividade fortalece a mente e o corpo, e conduz a uma vida longa e normal; a ociosidade enfraquece tanto o corpo como a mente, e conduz a uma vida impotente e anormal, de duração incerta.

9. Os homens estão aferrados a êste mundo, porque agem com o fim de obter recompensa e ganho; estão apegados aos objetos de seus desejos, e, por isso, cansam-se na escravidão dos sentidos. Para se libertarem, hão de agir com resignação, movidos pelo puro amor ao Bem. Faze, pois, ó Arjuna! a tua tarefa, para cumprires o

dever que o Eu Real te impõe, e não por qualquer outro motivo.

10. Lembra-te das doutrinas antigas que narram da criação do mundo, e das palavras que o Criador disse aos homens que tinha criado!

Ouve, t'as repetirei:

"Pela adoração e pelo sacrifício mútuo, cresceis e vos multiplicareis. Pela resignação, obtereis a satisfação dos vossos desejos.

11. Lembrai-vos da Fonte de tôdas as coisas, do Distribuidor dos objetos desejados. Pensai no que é Divino, para que o Divino pense em vós.

12. Se nutrirdes, com o sacrifício de vós mesmos, os deuses, êles vos darão o desejado alimento (espiritual). Quem recebe os dons dos deuses e não lhes mostra a gratidão, é como um ladrão.

13. Os bons homens que retêm para si só aquilo que resta depois de terem oferecido à Divindade tudo o que é divino, são livres de todos os pecados; porém, os maus que querem agir só para si mesmos, vivem em pecado..

14. Tôdas as criaturas (tanto as espirituais como as materiais) vivem, enquanto se alimentam. O alimento cresce com a chuva. A chuva é man-

dada pelos deuses em resposta aos desejos, às preces e as súplicas* dos homens. Os desejos, as preces e as súplicas dos homens são formas de ações; e as ações procedem da Vida Una que tudo penetra."

15. Sabe que toda ação tem sua origem em Brama. Brama é a revelação da indivisível Unidade. Por isso, Brama, que tudo penetra, é sempre presente nas tuas ações.

16. Ê vã e vergonhosa a vida do homem que, vivendo neste mundo de ação, tenta abster-se da ação; quem, gosando o fruto da ação do mundo ativo, não coopera, mas vive em ociosidade. Aquele que, aproveitando a volta da roda, em cada instante de sua vida, não quer pôr a mão à roda para ajudar a movê-la, é um parasita e um ladrão que toma, sem dar coisa alguma em troca.

17. Sábio é, porém, aquele que cumpre bem os seus deveres e executa as obras que são para fazer-se no mundo, renunciando a seus frutos e concentrado na ciência do Eu Real.

18. Tal homem, elevado acima dos mundos, não se inquieta por saber se alguma coisa no mundo acontece ou não acontece; achando em si mesmo tudo de que precisa, não tem necessidade de refugiar-se em nenhum ser criado, para nêle

achar apoio. Participando de tudo e agindo, em tudo, de acordo com os ditames do dever, de nada depende, porque a sua fé, esperança e ciência se fixam no Imperecível, que é o único apoio seguro.

19. Faze, pois, o que deve ser feito; porém, sem egoísmo e sem considerações pessoais. Quem age assim e cumpre o seu dever, livre de motivos egoístas, e sem depender de alguém, caminha, com passos firmes, diretamente à Consciência superior, ao plano espiritual.

20. Janaka e muitos outros atingiram o estado de perfeição por meio de boas obras e reta ação. Trabalha, pois, também tu por amor à humanidade.

21. Quando um nobre homem faz alguma coisa, os outros o imitam; o exemplo que êle dá, é seguido pelo povo. Segue, portanto, os melhores de tua raça.

22. Toma-me por exemplo, ó príncipe. Nada há, no Universo dos Universos, que eu deseje ou que seja necessário que para mim não se faça; nem há coisa alguma atingível que eu não tenha já atingido. E, contudo, estou em constante ação e movimento, agindo sempre e incessantemente.

23. Os homens, ó Arjuna, seguem sempre o meu exemplo; por isso, se eu deixasse de ser ativo, êstes Universos cairiam em ruína.

24. Se eu não agisse, começaria a reinar uma confusão universal, e a minha inatividade seria a causa da destruição do gênero humano.

25. Como os que carecem ainda da Luz Espiritual fazem esforços para alcançar o que desejam, sendo a esperança de recompensa o estímulo de suas ações: assim deve o homem desenvolvido e iluminado agir abnegadamente, pela causa do bem comum e conforme a Lei Universal.

26. Mas não debes confundir, com estas idéias, as cabeças dos homens inexperientes, cujo coração ainda está apegado às obras. Deixa-os fazer o melhor que podem; mas tu e os outros sábios, devem agir em harmonia comigo, animando os outros à atividade, e dando-lhes o exemplo.

27. Toda a atividade e todas as ações provêm dos movimentos das forças da Natureza. O insensato, que é iludido pela presunção e vaidade, pensa que êle é o ator e diz: "Eu faço isto, — eu fiz aquilo".

28. Mas quem conhece a verdade, sorri, porque detrás da personalidade, enxerga a fonte real da ação, a causa e o efeito.

29. Entretanto, os que conhecem a verdade inteira, devem acautelar-se para não ofuscarem com ela o fraco entendimento daqueles que ainda não estão preparados para conhecê-la, porque as doutrinas prematuras poderiam confundir e desviar êstes da sua atividade.

30. Tu, porém, ó Arjuna, liberta-te de todos os cuidados, de todo medo e, igualmente, do egoísmo e das esperanças pessoais; em Meu nome (1), faz tudo o que hás de fazer, concentrando todos os teus pensamentos no Altíssimo!

31. Os homens que, cheios de fé e confiança, seguirem êstes meus ensinamentos e não tiverem dúvidas, alcançarão a liberdade também pelas obras e ações.

32. Porém, aqueles que rejeitam os ensinamentos da Verdade e agem contra êles, são insensatos e iludidos, e caem em confusão e inquietações.

33. Cada sêr age em conformidade com a sua natureza; também o sábio procura o que se harmoniza com a sua própria natureza, de acordo com aquilo que é o mais alto no seu caráter.

(1) Isto é, em nome de Deus. Khrishna é a Encarnação Divina.

34. Ninguém pode escapar às leis naturais. Os objetos sensuais são os senhores dos sentidos, e atraem ou repelem o coração dos homens, enchendo-o de afeição ou de aversão. Não te deixes dominar por nenhuma destas duas forças, porque ambas são obstáculos no caminho e o sábio as subjuga ambas.

35. Finalmente, lembra-te que é melhor cumprir a própria tarefa, ainda que seja humilde e insignificante, do que querer fazer a tarefa de um outro, por mais nobre e excelente que seja. É melhor morrer no cumprimento do seu dever, do que viver negligenciando-o e querendo fazer o que a outros compete fazer."

36. Pergunta *Arjuna*:

"Mas dize-me, ó Senhor, que força misteriosa é essa que, muitas vezes, parece obrigar o homem a praticar um mal, até contra a própria vontade!"

37. Explica *Krishna*:

"Esta tentação, ó príncipe, é a essência dos desejos que o homem em si acumulou (1). Ela

(1) Em sânscrito, dá-se-lhe o nome de *Kâma*. (Não confundir com *Carma*!)

é o seu maior inimigo, e chama-se *Paixão*; nasce da natureza carnal, cheia de pecado e de erro, e ataca o homem para o consumir.

38. Como a fumaça envolve a chama, a ferrugem o metal, o útero a criança para nascer: assim o mundo é envolvido por êste inimigo, chamado Desejo.

39. O Desejo impede o verdadeiro saber; êle é como um fogo devorador, difícil de extinguir-se.

40. Os sentidos e a mente são a sua sede; e, por meio deles, confunde o discernimento e obscurece o conhecimento da verdade.

41. Antes de tudo, devas, portanto, vencer êsse inimigo de tua alma. Domina os teus sentidos e os seus órgãos, e afugenta de ti esse gerador do mal.

42. Os sentidos são grandes e poderosos; porém, maior e mais poderosa é a mente; maior do que esta é a Razão, e o mais forte é o Eu Real, a Luz da Divindade (1).

(1) Os sentidos, que são a sede do desejo, designam-se, em sânscrito, pelo termo *Kâma*; a mente chama-se *Manas*; a Razão Iluminada, *Budhi*; o Eu Real, a Consciência da Divindade, *A'tma*.

43. Reconhecendo, pois, o Eu Real como o Senhor mais poderoso, domina pelo seu poder o eu pessoal, e assim subjuga o monstro de desejo: esta tarefa é difícil, mas não impossível. Combate o desejo, domina-o pela fôrça da Luz Divina do Eu Real; não o deixes ser teu Senhor, mas reduze-o a ser teu escravo!"

CAPÍTULO IV

JNANA YOGA — O CONHECIMENTO ESPIRITUAL

O homem pode libertar-se da ilusão do "eu pessoal", e alcançar a união com a Essência Divina, pelo conhecimento interno de si próprio, isto é, pela iluminação interior. Esta fôrça aumenta com a prática, quando se cumpre o dever com abnegação.

1. Continuou a falar *Krishna*:

"Já na mais remota antiguidade dei esta doutrina da união com o Eu Divino a Vivasvat(1). Ele a ensinou a Manu (2), e êste a transmitiu a Ikshvâku, o fundador da dinastia solar.

2. De Ikshvâku passou esta doutrina a outros, e era conhecida pelos Rishis (3); no decor-

(1) *Vivasvat* é o Sol Espiritual ou a Mente Divina no principio do mundo.

(2) Manu se deriva da raiz sânscrita *man*, pensar. Aqui se refere ao Filho do Sol e Pai da Raça atual.

(3) *Rishis* são os Reis Sábios ou Patriarcas.

rer dos tempos, entretanto, caiu em esquecimento o sentido espiritual, conservando-se apenas a letra. Tal é a sorte da Verdade entre os homens.

3. A ti, agora, que és meu amigo dedicadíssimo, quero de novo explicar esta doutrina, que é o mais profundo segredo e a mais velha verdade."

4. Disse *Arjuna*:

"Como devo compreender-te, 6 Senhor, quando dizes que ensinaste a Vivasvat? Êle viveu no princípio do Tempo e tu nasceste há poucos decênios" (1).

5. Respondeu *Krishna*, o Verbo Divino: "Muitos foram já os meus nascimentos, e muitos também foram os teus, ó Arjuna. Eu sou consciente deles todos, mas tu não o és.

6. Escuta êste mistério. Eu sou superior a nascimento; sou inato e eterno, sou o Senhor de tôdas as criaturas, pois tudo emana de Mim: mas também nasço, gerado por meu próprio Poder.

(1) Compare-se o Evangelho segundo São João, cap. VIII, vers. 57 e 58: "Disseram-lhe os judeus: "Ainda não tens cinqüenta anos, e viste Abraão?" Disse-lhes Jesus: "Em verdade, vos digo que, antes que Abraão fôsse feito, eu sou".

7. Sempre que o mundo declina em virtude e justiça; sempre que imperam o vício e a injustiça, venho Eu, o Senhor, e apareço no meu mundo em forma visível, nascendo e vivendo como homem entre os homens.

8. A minha influência e doutrina destróem o mal e a injustiça, e restabelecem a virtude e a justiça. Muitas vêzes, já apareci assim, e muitas vêzes aparecerei ainda.

9. Quem me reconhece em minha encarnação, quem me conhece em minha Essência, não precisa reencarnar-se mais, ao deixar o seu corpo mortal, e vem morar comigo em meu reino de Bem-aventurança.

10. Muitos já vieram assim a Mim, tendo-se libertado do medo, ódio, ira e paixão. Quem a Mim se dirige com firmeza e em Mim fixa a sua mente, é purificado pela chama sagrada do Amor e da Sabedoria e, livre da atração dos objetos terrenos, torna-se semelhante a Mim, e entra em minha Vida Espiritual.

11. Eu acolho prazenteiro todos os que me procuram e honram, qualquer que seja o caminho que sigam, porque todos os caminhos, tôdas as formas religiosas, embora de denominações diferentes, a Mim os conduzem.

12. Até aquêles que adoram os Devas (1), e lhes pedem recompensa por suas ações, encontram o que procuram, pois no mundo dos homens tôda ação produz o seu fruto.

13. Mas Eu sou o Criador da humanidade inteira, em tôdas as suas fases e formas. De Mim procedem as quatro castas (2), com as suas qualidades e atividades distintivas. Sabe que Eu sou o Criador delas, se bem que, em Mim mesmo, sou imutável e sem qualidades.

14. Em minha Essência, sou livre dos efeitos das ações e não tenho desejo nenhum de obter recompensas ou gosar os frutos das minhas obras; pois essas coisas são produzidas por meu Poder e não têm influência sobre Mim. Em verdade, digo-te que quem é capaz de achar a solução dêsse enigma e me percebe como Eu sou em minha Essência, fica livre dos efeitos das ações.

15. Os sábios antigos que conheceram esta verdade, praticavam ações sem esperar re-

(1) *Devas*: o mesmo que Anjos.

(2) As quatro castas que representam as quatro cias. ses de atividade humana, são: os *Brâmanes* (sábios), os *Kshattriyas* (guerreiros), os *Vaisyas* (comerciantes) e os *Sudras* (operários).

compensa, e assim alcançaram a Liberdade. Se-gue também tu o seu exemplo.

16. Poderás dizer que, às vêzes, até os sábios não podem definir o que é a ação e o que é a inação. Eu t'o explicarei, e te ensinarei em que consiste a ação que te libertará do mal e te tornará livre.

17. É preciso distinguir estas três coisas: ação (isto é, reta ação), inação (ou abstenção) e má ação. É difícil discernir-se o caminho da ação.

18. Quem se adiantou de tal maneira, que é capaz de ver ação na inação, e inação na ação, pertence aos sábios de sua raça, e permanece em harmonia enquanto pratica ações.

19. As suas obras são livres dos vínculos de esperanças egoístas, e sua atividade é purificada das espumas dos desejos, pela chama da sabedoria. Tal homem merece o nome de Sábio.

20. Tendo renunciado aos frutos das suas ações, está sempre contente e confia na fôrça divina do seu interior, e assim está em inação, ainda que trabalhe, porque não age para a sua pessoa, mas deixa agir por si a fôrça Divina.

21. Não espera lucro, não receia perda; de nada depende, e conserva os seus sentidos sob o domínio da razão. Assim é senhor do seu sentir e pensar, um rei poderoso no reino interior da alma

22. Está contente sempre com tudo o que o dia lhe oferece; não se deixa alterar por ventura nem por desventura; é livre da inveja; conserva o ânimo igual e o coração afável, tanto no sucesso como no insucesso; faz sempre o melhor que pode, porém, sem se apegar à obra. Assim, vive puro e imaculado entre os impuros e pecadores.

23. As obras do homem que matou em si todo o apêgo e mantém sua mente firme na sabedoria, são como inexistentes para êle; tudo êle faz no espírito divino, conforme a vontade de Deus, e assim, cada uma de suas ações é um sacrifício no altar do Amor Divino.

24. Deus é Amor; Deus mesmo é o sacrificador e o sacrifício; Êle é o fogo e o alimento do fogo. Deus em Deus oferece sacrifício a Deus, e assim vem a Deus quem, oferecendo sacrifício, n'Êle pensa.

25. Há muitos devotos que invocam os deuses inferiores; outros adoram o Princípio Divino só no fogo do Amor.

26. Outros há que oferecem à Divindade sacrifícios de abnegação, renunciando ao que agrada o ouvido, a vista e os outros sentidos; outros dirigem a Deus preces e hinos pios e elevam ao Altíssimo os corações ardentes.

27. Muitos depõem no altar do coração os prazeres da vida, alimentando o fogo místico de renúnciação, pelo qual se lhes comunica a Luz do conhecimento.

28. Outros renunciam à riqueza e fazem votos de penitência e obediência, ou dedicam-se ao estudo e à procura da verdade, meditando no silêncio.

29. Outros praticam a respiração sagrada, e pondo em harmonia o hálito interior e o exterior, dominam a aspiração e a expiração pelo poder da vontade.

30. Outros praticam abstinência e jejuns e esforçam-se por sacrificar a vida material, totalmente, à vida espiritual. Todos êstes oferecem sacrifícios, ainda que de diferentes modos; e todos obtêm méritos pelo espírito sacrificial das suas observâncias.

31. Há muita virtude e mérito na moderação e no domínio de si mesmo; e esta é a causa por que os sacrificadores se aproximam de Mim. Sim, aqueles que se alimentam espiritualmente com a parte espiritual do sacrifício que a Deus oferecem, entram em união com Deus. Mas quem nenhum sacrifício oferece, não acha mérito neste mundo nem no outro.

32. Assim vêes que há muitas formas de sacrifício e adoração, ó Arjuna, Se compreendes isto, chegarás a ser livre de êrros.

33. Melhor, porém, do que o sacrifício de objetos e coisas, é o sacrifício oferecido pelo saber. O saber ou conhecimento perfeito em si mesmo é o coroamento de tôdas as ações.

34. Ao saber perfeito, ao conhecimento da Verdade chegarás, adorando, servindo e investindo. Os sábios que possuem a sabedoria interior estão prontos a ajudar aqueles que procuram a Verdade.

35. Quando tiveres adquirido a Sabedoria, serás livre de confusão, dúvidas, má compreensão e êrros; pois verás que tudo o que existe no grande Todo, forma uma só vida, e, por conseguinte, é contido em Mim e em ti mesmo.

36. Ainda que tivesses sido o maior pecador dentre os homens, a nave do conhecimento da Verdade te conduzirá sem perigo pelo mar dos pecados.

37. Como a chama reduz a lenha a cinzas e o vento dispersa estas, assim a Verdade converte em cinzas o resultado das más ações que cometestes em ignorância e êrro.

38. Não há, no mundo, outro agente de purificação igual à chama da Verdade Espiritual. Quem a conhece, quem a ela se dedica, será purificado das manchas da personalidade, e achará o seu Eu Real.

39. O conhecimento da Verdade é dado àquêle que vive na força da fé, e domina o eu pessoal e as impressões dos sentidos. Quem atingiu êste conhecimento e esta Sabedoria, entra na Paz Suprema, no Nirvana.

40. Mas o ignorante e o descrente não podem achar nem o começo do caminho que à Paz conduz. Sem fé não é possível felicidade e paz, nem neste mundo, nem em outros.

41. Livre dos vínculos das ações é o homem que, mediante o Conhecimento Espiritual, cor-

tem os nós que o ligavam aos frutos das ações, e cujas dúvidas e ilusões tôdas ficaram destruídas pela Luz do Saber.

42. Levanta-te, pois, em teu poder, ó príncipe, empunha a espada refulgente do conhecimento espiritual e corta todos os vínculos das dúvidas e ilusões que prendem o teu coração e a tua mente. Eleva a Mim a tua alma e executa a Ação que te é determinada."

CAPÍTULO V

KARMA SANYASA-YOGA — RENÚNCIA DAS OBRAS

Neste capítulo se expõe como o homem exterior e terreno não pode, de própria vontade e própria força, fazer qualquer coisa boa ou santa, porque todo o bem procede de Deus. Para poder-se agir sabiamente, é necessário possuir sabedoria; e quem possui sabedoria, não age por si mesmo, mas serve apenas de instrumento à Vontade Divina.

1. Então falou *Arjuna*, o príncipe de Pându, a Krishna, o Senhor Bem-aventurado, dizendo:

"Ó Senhor, ora louvas a renúncia das obras, ora a prática das obras. Dize-me, de ambas qual é a superior? Fala-me claramente, para que em mim não haja mais dúvida nem confusão".

2. *O Verbo Divino:*

"Ó Arjuna, tanto a renúncia como a prática das obras têm grande mérito: ambos conduzem ao alvo supremo. Entretanto, é preferível a prá-

tica das obras à sua renúncia; a reta ação é muito melhor do que a inação.

3. Para não caíres em confusão, discerne bem o uso destes termos. Só se abstém verdadeiramente, aquele que não odeia a ação, nem por ela se apaixona; assim é que êle pratica a re-núnciação, nada odiando e nada desejando. Quem está acima dos contrastes e conserva-se calmo e contente, sempre pronto a cumprir a sua tarefa e, contudo, sem apegar-se à obra, facilmente se liberta dos vínculos da ilusão.

4. Os inexperientes que principiam a estudar a Verdade, costumam designar o conhecimento e as obras, ou a abstenção da ação e a prática da reta ação como duas coisas diferentes; mas os sábios as reconhecem como uma coisa só; pois, quem tem o conhecimento, há de ter também as obras, e quem tem as obras, terá igualmente o conhecimento.

5. Ambos estes caminhos conduzem ao mesmo fim, e os que seguem um dêles, chegam ao mesmo ponto que os que vão pelo outro. Quem tem a reta percepção, vê que o conhecimento e a atividade, ou — por outras palavras — a renúncia e a prática são uma coisa só, em sua essência.

6. Abster-se e renunciar é muito difícil para quem não tem experiência das ações; abençoado, porém, é aquêle que sabe harmonizar os dois caminhos: o seu espírito dirige-se ao Eterno e une-se com Deus, entrando na Paz do Nirvana.

7. Quem é firme na prática da Reta Ação e, ao mesmo tempo, domina a si mesmo, subjugando à Vontade Divina os seus sentidos e desejos, sente-se uno com tudo o que existe e não é influenciado pelas obras que pratica.

8. Êle conhece a Vida Universal e o que dela procede, e sabe que não é êle, como espírito, quem age, mas é a sua natureza que vê, cheira, sente, come, caminha e respira.

9. Em verdade, pode êle dizer: "Os sentidos fazem a sua parte no mundo sensual; deixe mo-los agir, eu não sou vinculado nem iludido por êles, porque sei qual é o seu fim".

10. Quem encara suas ações como obra dos sentidos, e as executa sem apêgo, não é maculado pelo egoísmo, tal qual a flôr do lotus, que não é poluída pelas águas que a rodeiam.

11. O yogi, tendo-se libertado de todo o apego, executa as ações do corpo, da mente e do

intelecto, o até dos sentidos, sempre com o fim do purificar a mente, o nem qualquer motivo egoísta.

12. Vivendo em harmonia com a Natureza, tendo abandonado o desejo e a esperança de recompensa pelas ações, alcança a Paz. Ao contrário, o homem que não vive em tal harmonia e que nutre desejos de recompensa por suas ações, é turbado, inquieto e descontente.

13. A alma do sábio que, no fundo de sua vontade, renunciou a toda ação e inação própria, e não procura recompensa, habita o corpo, que é o Templo do Espírito, conserva-se quieta em paz., sem desejo de agir o sem causar ação, e, entretanto, está sempre pronta a executar a sua parte na ação, quando o dever a chama. Porque o sábio sabe que ainda que o seu corpo, essa cidade com as nove portas, se ocupe de ações, o Eu Real permanece imperturbado.

14. O Senhor do Mundo (o Eu Real) não engendra nem a atividade, nem as ações, nem as relações entre a causa e o efeito. Em tudo isto age apenas a natureza dos seres.

15. O Senhor do Mundo não interfere nem nos pecados nem nas boas ações de ninguém. A luz da sabedoria, está obscurecida pela fumaça da ignorância, e o homem ilude-se com isso e

pensa que a fumaça é a chama, não podendo enxergar esta atrás daquela.

16. Mas aqueles que são capazes de transpor a fumaça, percebem a clara luz do Espírito que brilha, como uma infinidade de sóis, livre e sem o véu da fumaça que a esconde às vistas da maior parte dos homens.

17. Meditando sobre o Altíssimo, que é o Eu Real, unindo-se a ele, conhecendo-o e amando-o, passa o sábio aos estados superiores, aos planos mais altos, dos quais não volta mais para os degraus inferiores da existência.

O conhecimento da Verdade consumiu todos os seus pecados e erros, o êlo entra no reino da Bem-aventurança,

18. A sua vista, sendo livre da fumaça do erro e da ilusão, reconhece um Ser em tudo; igual sentimento e respeito tem ele para os homens eruditos, reverendos, nobres e iluminados, como para os pobres, ignorantes e desprezados, e até para as vacas, os elefantes e os cães. Porque, tendo vencido as ilusões, vê que as personalidades de todas as formas de vida são irreais, comparadas com o Eu Real, de maneira que, contempladas do alto, desaparecem até as maiores distinções mundanas.

19. Os que conservam a eqüanimidade, já neste mundo se unem com Brama (Deus Criador), porque Êle é imutável e eternamente o mesmo.

20. Não te deixes arrebatado, quando te acontece algo desagradável, nem percas o ânimo, quando tens má sorte. Levanta o teu pensamento à claridade limpa da esfera divina, imerge-te em Deus e n'Êle vive.

21. Em delícias eternas vive a alma que em si mesma encontra a fonte da felicidade, sendo unida com Deus e desaparecida dos objetos do mundo exterior.

22. Os prazeres nascidos do contato dos sentidos externos, e a que chamam "satisfação", são fontes de sofrimentos, porque têm princípio e fim. O sábio não procura neles a sua felicidade.

23. Feliz é aquêle que, nesta terra, ainda antes de deixar o corpo, pode resistir aos impulsos do desejo e da ira.

24. Quem em si mesmo encontra o céu, quem em si mesmo encontra a luz da iluminação, é um yogi, é um Santo; a sua vida conflui com a vida de Brama, e são-lhe abertas as portas do Nirvana.

25. Assim os Rishis, tendo-se libertado dos pecados, tendo vencido tôda idéia de dualismo e separação, e vendo que tôda a vida é uma, que tôda ela emana de Um, e sentindo que o bem-estar de todos é o bem-estar de cada um, unificaram-se com o Todo e entraram no Nirvana.

26. Assim todos os homens que seguem o seu exemplo, vivendo em humildade e na luz da fé, controlando as ações e dominando o eu inferior, aproximam-se da Paz Divina.

27. O verdadeiro yogi, deixando os objetos exteriores influenciar só o seu exterior e não a sua alma, abre as vistas interiores à Luz Eterna e une a sua respiração externa com a interna, em ritmo de harmonia.

28. Todos os seus sentidos obedecem à vontade Espiritual, todo o seu pensar tem as raízes em Deus; nada para si deseja, nada receia; a êle não tem acesso nem ódio nem ira: a sua salvação está realizada..

29. Êle Me conhece como Sou, sabe que Me agrada o domínio de si mesmo, reconhece-Me como Senhor do Universo, e amante de tôdas as almas, e une-se comigo. Pois Eu sou o amparo de todos os que em Mim se refugiam."

CAPÍTULO VI

ATMA SANYAMA YOGA — MEDITAÇÃO OU SUBJUGAÇÃO AO EU SUPERIOR

Neste capítulo se expõe como se realiza a união com o Sêr Supremo, mediante a santificação interior, e a meditação.

1. *O Verbo Divino:*

"Ouve as minhas palavras, ó Arjuna! Quem cumpre honestamente o seu dever da melhor maneira que lhe é possível, sem nutrir desejos de ser recompensado é, ao mesmo tempo, um asceta e um homem de ação; não aquêle que simplesmente prescinde de ritos e sacrifícios.

2. Sabe, ó príncipe, que a Beta Ação, praticada com o conhecimento da verdade, é a melhor renúncia, o melhor ascetismo. Porque êste consiste em verdade só no desinteresse e, se a ação não é acompanhada pelo conhecimento inteligente da renúncia dos resultados, não merece o nome de Beta Ação.

3. Nos primeiros degraus do Caminho da Perfeição, ensina-se que o aspirante deve praticar a reta ação para ganhar os melhores méritos. Quando o discípulo atingiu a sabedoria e o conhecimento, e libertou-se do apêgo às obras, explica-se-lhe que a calma meditação e a paz serena da mente são os melhores meios para conduzi-lo ao alvo. A cada um dá-se conforme as necessidades e o grau de seu desenvolvimento.

4. Quando o homem está livre do apêgo aos frutos das ações, e à ação mesma, e aos objetos do mundo dos sentidos, então atingiu o mais alto grau da Beta Ação, e tornou-se um yogi perfeito.

5. Cada um deve elevar-se espiritualmente pela força que lhe dá o Espírito divino, e não inferiorizar-se. O Eu Real, isto é, o Espírito do homem, é o amante do homem e o seu melhor amigo; mas ao ignorante pode parecer que é seu inimigo porque tende a aniquilar o seu sentimento de personalidade separada.

6. O Eu Real é o amigo daquele que domina o seu eu pessoal, inferior; porém, se a alma não alcançou ainda o Conhecimento, pode parecer-lhe que o Eu Real é o seu maior inimigo, porque quer libertar a alma ignorante das ilusões e dos erros que se lhe tornaram agradáveis.

7. A Alma do homem que chegou ao conhecimento do Eu Real em si mesmo, permanece quieta e calma, contente e meiga, não se alterando pelo frio nem pelo calor, nem por sofrimento nem por prazer, nem por aquilo que o mundo chama honra ou desonra.

8. O sábio yogi contenta-se com a ciência e com o conhecimento da Humanidade Divina; êle dá igual apreço a um pedaço de barro como ao ouro ou a uma pedra preciosa.

9. Ê afável para com todos, com igual amor e fraternidade a todos trata, sejam amigos ou inimigos, parentes ou não, compatriotas ou estrangeiros, santos ou pecadores, bons ou maus.

10. O yogi senta-se num lugar isolado e entrega-se à meditação e a profundos pensamentos. Dominando a mente e o corpo pelo Eu Real, é livre de opiniões e de expectativas egoistas.

11. Senta-se num lugar limpo, nem demasiado alto, nem demasiado baixo; cinge-se com um pano ou com o couro de antílope prêto, e repousa sôbre verbenas (1).

(1) O plano é o símbolo da *castidade*, o antílope é o símbolo da *delicadeza* do sentimento; a verbena (erva "Kusha") é o símbolo da *firmeza*. O yogi deve ser casto, delicado e firme.

12. Assim sentado, domina a sua mente e dirige o pensamento a um ponto de concentração, retendo, ao mesmo tempo, as impressões dos sentidos e não deixando entrar na mente pensamentos que vagueiam. Nessa posição, conservando calma e persistência, purifica a sua alma, dirigindo a consciência ao Eu Real, ao Absoluto, que é a base de todos os seres.

13. Tem sob domínio e imóveis a sua cabeça, a nuca e todo o corpo, de acordo com os costumes tradicionais dos yogis; fixa o olhar no Eterno e Infinito, não olhando para nada do mundo dos sentidos, que o rodeia.

14. Com o ânimo tranqüilo e sereno, livre de medo, inabalável em seu propósito, refreando a sua vontade, em silêncio permanece, pensando em Mim e em Mim se imergindo.

15.. O yogi que, desta maneira, se exercita em devoção e, praticando o domínio mental, une-se com o Eu' Real, passa para o estado da Paz e Bem-aventurança que só em Mim se encontram.

16. A união mística com a Divindade não é atingível, porém, para aquele que é comilão, nem para quem jejua demasiadamente, nem para o dorminhoco, nem para quem se debilita por dema-

síadas vigílias. Quem quer ser yogi, há de evitar os extremos e seguir o dourado caminho do meio.

17. A ciência yogi, que destrói o sofrimento, é realizável para os que observam moderação e temperança em comida e recreio, em ação e descanso; para que aqueles que, fugindo do mal do excesso em ação, não caem no mal oposto do excesso em repressão.

18. Quando um homem tem o pleno domínio de si mesmo, e conserva a sua mente fixa no Eu Real, e não anseia nenhum objeto desejável, merece o nome de *yukta*, "cheio de graça".

19. A sua mente tornou-se estável e firme, como a chama da lâmpada que está colocada num lugar aonde não tem acesso o vento.

20. A mente do yogi se deleita na contemplação do Eu Real e acha no seu interior o contentamento e a felicidade.

21. Cheio de indizíveis delícias, inerentes às esferas espirituais que se estendem além dos sentidos, o yogi permanece firme na contemplação da Verdade.

22. Êle sabe que não há coisa melhor, nem maior satisfação, do que êsse estado de Paz inaba-

lavei, que resulta do Conhecimento da Realidade; nada lhe pode perturbar essa Paz e êsse contentamento, nem os maiores sofrimentos, dôres e cuidados da vida mundana, porque está acima dêles.

23. A ausência de sofrimentos, dôres e cuidados chama-se *Yoga, União Espiritual*. Esta *Yoga* deve ser começada com firme convicção e praticada com alegre disposição mental.

24. Atirando longe de ti os vãos desejos da imaginação e dominando por meio da mente, iluminada e guiada pelo Espírito, as inclinações dos sentidos, chegarás, passo a passo, à tranqüilidade e calma.

25. Quando a mente se fixou uma vez no Eu Real, acha insensato peregrinar em qualquer outra coisa.

26. Se tua mente não atingiu ainda o necessário grau do domínio das paixões e impressões, anda para cá e para lá, desviando-se do seu Objetivo Supremo, sê vigilante e refreia-a pela fôrça da vontade concentrada, reconduzindo-a sempre ao Alvo.

27. O homem, cujo coração encontrou a Paz que não admite nenhum movimento de paixão, e

tornou-se livre daquilo a que se chama "pecado") venceu os êrros e entrou no reino da Verdade.

28. O yogi, que atingiu assim a Unidade Eterna e cessou de pecar, goza a harmonia da Vida Una e as delicias da união com Deus.

29. file, cuja alma se uniu assim a Deus, em Deus, e Deus em tôdas as almas, vê tudo em Deus.

30. Em verdade te digo que aquêle que Me vê em tudo e todo o Universo em Mim, nunca Me abandonará e nunca será por Mim abandonado. Para sempre estará ligado a Mim, pelos laços preciosos do Amor.

31. Quem Me reconhece em todos os sêres, ama-Me e comigo se une, participa da vida eterna do Meu Sêr, qualquer que seja o seu modo de vida exterior neste mundo.

32. O verdadeiro yogi, ó Arjuna! é aquêle que chegou, pela iluminação interna, a saber que uma só Essência penetra tôda a vida e tôdas as coisas, e conserva o ânimo igual em tôdas as vicissitudes da vida, reconhecendo a necessidade de equilíbrio entre o prazer e a dor na Natureza".

33. *Arjuna:*

"Eu não posso achar firmeza, ó Herói valente, nessa submissão, nessa resignação e nesse domínio da mente, de que falas. Eu sei que a mente e o coração são instáveis, inquietos, turbulentos, vacilantes, obstinados e insubmissos à vontade.

34. Parece que dominar o coração ou a mente em suas inclinações e seus pensamentos é tão difícil como reter um forte vento". I

35. *Krishna:*

"Tens razão, dizendo que é muito difícil dominar a mente, porque é instável e inclina-se ora para um ora para outro objeto; entretanto, quem fortaleceu a sua vontade por meio de exercícios e disciplina, pode ser senhor de seu coração, senhor de sua mente.

36. É verdade que a Yoga (União Espiritual) é coisa difícil para quem tem a mente descontrolada, mas é acessível para quem tenha a mente dominada.

37. *Arjuna:*

"Qual é, porém, a sorte daquele, ó Mestre, que está cheio de fé, mas não atinge a perfeição em Yoga, porque não domina a sua mente, que se afasta do caminho da disciplina?

38. Perecerá, talvez, como uma nuvem despedaçada pelos ventos! Será êle reduzido a nada, sendo repellido tanto dêste mundo, como do mundo superior, porque caminha, incerto e inexperienced, pela senda que conduz ao Brama, ao Absoluto?

39. Responde-me, ó Divino, porque tu, unicamente, podes dar-me explicação satisfatória e dissipar as minhas dúvidas."

40. *Krishna:*

"Não, meu caríssimo, não perecerá o homem em tais condições; não será aniquilado nem neste mundo, nem nos vindouros. A fé conserva-o vivo, a sua bondade preserva-o da aniquilação. Não se perde nunca quem vive honestamente e em Mim confia.

41. A alma, cuja devoção e fé, acompanhadas de boas obras, carecem da aquisição da perfeita disciplina, depois da morte do corpo, vai habitar o céu dos justos que ainda não atingiram a Perfeição (1). Ali fica gozando felicidade por inúmeros anos, mas, depois, reencarna-se em ca-

(1) Os teósofos hindus chamam a 6sse céu; *devakhan* (morada dos deuses).

sa de um homem bom e nobre, nas condições adaptadas ao seu desenvolvimento e adiantamento.

42. Pode nascer, nesta nova encarnação, como filho de um yogi adiantado, se bem que tal nascimento seja difícil obter-se neste mundo, atrasado moralmente.

43. Na sua nova existência, o homem recupera novamente toda a organização espiritual que tinha adquirido na vida passada, e, assim, fica preparado para continuar os estudos e as tarefas que conduzem à Perfeição.

44. Com a morte, não se perde nada daquilo que a alma adquiriu. As experiências que o homem fez nas vidas passadas, tornam-se instintos e incitam-no ao progresso, até inconscientemente. Mesmo quem só tivesse desejado conhecer *Yoga*, recupera esse desejo, e com o decorrer do tempo transcende os liames da matéria.

45. Trabalhando com paciência, perseverança e aplicação, sendo livre dos erros e plenamente desenvolvido pelas experiências, ganhas em suas múltiplas encarnações, o yogi chega ao alvo procurado, à Paz e à Meta Suprema.

46. Como vês, yogi é aquele que procura a Verdade e, confiando na Justiça da Lei Absolu-

to, sempre faz o melhor que pode. É maior do que um asceta ou fanático que procura obter mérito, impondo-se penas e martírios voluntários a si mesmo. É superior aos eruditos, e aos que praticam boas obras com desejo de recompensa.

Sê, pois, ó Arjuna! também um yogi, cheio de fé e bondade!

47. De todos os yogis, Eu prefiro, porém, aquele que Me adora com fé e a Mim dedica o interior da sua alma; aquele cujo coração transborda Meu Amor e cuja mente sempre sente a minha presença e, com ela, a Paz Suprema".

CAPITULO VII

VIJÑÂNA YOGA — DISCERNIMENTO ESPIRITUAL

Neste e nos seguintes cinco capítulos, expõe-se a doutrina de Krishna e a melhor maneira de praticar Raja-Yoga. Esta parte trata do conhecimento espiritual, isto é, do despertar da consciência da Divindade no homem. Deus é Amor e, por conseguinte, pode-se obter a consciência da Divindade só pela força do Amor Divino.

1. *Krishna*, o Verbo Divino, continua:

"Escuta as minhas palavras, ó Arjuna, para saberes como verdadeiramente e sem dúvida Me conhecerás, se fixares em Mim a tua mente e em Mim descançares o teu coração.

2. Eu te instruirei na sabedoria maravilhosa dos homens e dos deuses, sem reserva nem restrição ; aprendendo êstes ensinamentos, adquirirás o saber perfeito, e saberás tudo o que pode ser sabido por um homem.

8. Poucos são os homens que, no meio dos milhares da raça, têm suficiente discernimento para desejar chegar à Perfeição. E, destes poucos, tão raros são os que a procuram com sucesso, que Se acha apenas, cá e lá, alguém que Me conhece em minha natureza essencial.

4. Em minha natureza, há oito formas elementais, conhecidas como: terra, água, fogo, ar, éter, mente, razão e consciência individual.

5. Mas, além destas formas da minha natureza material, possuo uma natureza espiritual, superior e mais nobre: é o Princípio que vivifica e sustenta o universo.

6. Sabe que os elementos de que falei são a matriz de toda a criação. Eu, porém, sou a fonte de que toda a criação provém e à qual tudo volta: Eu sou o Princípio da criação e da dissolução do Universo.

7. Acima de Mim, não há nada. Todos os objetos do universo dependem de Mim e por Mim são sustentados, assim como as pérolas dependem do fio que passa por elas todas, unindo-as e sustentando-as.

8. Eu sou o líquido da água; Eu sou a luz do sol e da lua; Eu sou a sílaba sagrada AUM

(1); Eu sou o cântico dos livros sagrados; Eu sou a harmonia dos sons que vibram no éter; Eu sou a virilidade dos homens.

9. Eu sou o perfume da terra e o esplendor do fogo; Eu sou a vida de todos os vivos; Eu sou yoga dos yogis, a santidade dos santos.

10. Eu sou a semente eterna e imortal de todos os seres. Eu sou a sabedoria dos sábios, a razão dos racionais, a glória dos gloriosos, a nobreza dos nobres.

11. Eu sou a força dos fortes, livres de toda a avidez e paixão. Eu sou o amor puro em todos os seres, que não pode ser proibido por lei alguma.

12. As três qualidades da minha natureza: a harmonia, a atividade e a inatividade, as quais também se manifestam como a luz da verdade, o desejo da paixão e as trevas da ignorância, em Mim têm o princípio e estão em Mim, mas Eu não dependo delas (2).

(1) AUM é o símbolo do Sêr Supremo. A simboliza o Criador ou Pai; U, o Conservador, Salvador ou Filho, e M, o Destruidor, Renovador ou Espírito Santo.

(2) Deus é superior à natureza; a natureza não é Deus, mas é uma manifestação da força Divina. Deus está na natureza, mas não se limita a ela.

13. O mundo dos homens, achando-se sob o domínio da ilusão dessas três qualidades da natureza, não compreende que Eu sou superior a elas, e conservo-me intacto e imutável no meio dos inúmeros acontecimentos e mudanças.

14. Esta ilusão é muito forte, e tão denso é o seu véu que é difícil aos olhos humanos penetrá-lo. Só aqueles que a Mim se dirigem e se deixam iluminar pela chama que está detrás da fumaça, vencem a ilusão e chegam até Mim.

15. Malfeitores e tolos não Me procuram, nem aqueles que nutrem pensamentos baixos; nem aqueles que vêm, no vasto espetáculo da natureza, somente o jôgo das forças, sem diretor; nem aqueles que extinguiram em si a centelha da vida espiritual e se tornaram plenamente materiais.

16. Há quatro classes de gente que a Mim se dirigem: os infelizes, os que investigam a verdade, os bondosos e os sábios.

17. De todos êles, ó Arjuna! os sábios são os melhores, porque Me reconhecem como o Sêr Uno, e incessantemente, a Mim dedicando a sua vida, amam-Me sôbre tudo, e Eu os amo com o mais intenso amor.

18. Todos os que Me adoram são bons e todos a Mim chegarão; mas o sábio que se Me entrega todo, sujeitando-se em tudo à minha vontade, é como o meu próprio Eu, repousando em Mim, que sou o seu alvo final.

19. Depois de muitas vidas, em que acumulou sabedoria, vem o Sábio a Mim e, realizando a sua União comigo, compreende que o homem perfeito é idêntico ao universo (1). Poucos há que chegaram a êste grau de adiantamento.

20. Os outros, por falta de conhecimento, impelidos a esta ou aquela deidade, com vários ritos e cerimônias, vão a outros deuses. Todos acham o que procuram, de acôrdo com a sua natureza.

21. Hás de saber, entretanto, ó Arjuna, que a verdade, apesar de ser desconhecida pelos fanáticos e intolerantes, é esta: Que, ainda que os homens adorem vários deuses e várias imagens, e tenham diferentes concepções da deidade adorada, e até pareçam as suas idéias ser contraditórias entre si, tôda a sua fé se inspira em mim.

22. A sua fé em seus deuses e imagens não é senão o alvorecer da fé em Mim; adorando es-

(1) O homem perfeito é chamado, nas Escrituras Sagradas: *Vâsudêva*, Filho do Homem.

sas formas e concepções, êles querem adorar a Mim, sem o saberem. E, em verdade te digo, eu aceito e recompenso essa fé e adoração, uma vez que seja honesta e conscienciosa. Êsses homens fazem o melhor que podem, conforme o estado de seu desenvolvimento, e receberão os benefícios que procuram, conforme a sua fé; todo benefício, porém, emana de Mim. Tal é o meu Amor, a minha Razão e a minha Justiça.

23. Mas lembra-te, ó príncipe, que as recompensas desses desejos momentâneos, finitos, perecíveis, são igualmente de pouca duração. Os homens que adoram os deuses inferiores, as caricaturas e sombras imperfeitas da Divindade, vão aos mundos de sombra, governados por êsses deuses-sombras. Mas aqueles que são sábios e capazes de Me conhecer como Sou, Um e Tudo, vêm a Mim, ao meu mundo de Realidade, onde não há sombras, onde tudo é real, até mesmo a chama que faz a sombra desaparecer.

24. Entre os homens, há muitos que, faltando-lhes o discernimento, pensam de Mim (o Imanifesto em essência), como se Eu fosse manifesto e visível a seus olhos. Sabe, porém, ó Arjuna, que, em minha essência, não sou manifesto ou visível aos homens.

25. Detrás das minhas formas emanadas, Eu permaneço indescoberto e invisível ao ignorante. Inato e imortal sou Eu, mas o mundo obscurecido pela ilusão, não o discerne, pensando que a sombra é a substância.

26. Eu bem conheço todos os inumeráveis seres que existiram no vasto universo, em tôdas as épocas passadas; igualmente conheço todos os que existem presentemente; e, além disso — grande mistério para os homens, ó príncipe! — conheço todos os que, no futuro, hão de aparecer no campo da existência. Mas de todos os sêres, passados, presentes ou futuros, nenhum Me conhece plenamente. Eu os tenho todos em minha mente, mas as suas mentes não podem conter-Me em minha essência.

27. Os seus olhos vivem enganados pela dualidade dos contrastes, ó Arjuna e, em vez dá Unidade, vêem as formas opostas e de gôsto e desgôsto, simpatia e antipatia, desejo e aborrecimento.

28. Porém, não são todos assim; há um pequeno número de homens que se libertaram dessa ilusão da dualidade dos contrastes, vencendo o egoísmo e os pecados. Êstes Me conhecem como Um e Tudo e, firmes em sua vontade, constantes

em seu amor e sua devoção, comigo se unem e a Mim pertencem.

29. Os que em Mim 86 refugiam e a Mim pertencem, repousando em Mim como a criança no seio da mãe, esforçam-se por se libertarem dos vínculos da mortalidade e reconhecem-Me como Brama, como o Eu Real, o Infinito, O Eterno, o Absoluto.

30. Eles sabem que Eu sou *Arkyâtman* (a alma das almas), *Karma* (a Lei da causalidade), *Adhibhûta* (Princípio universal de vida), *Adhidaiva* (Deus dos Deuses, a Deidade suprema) e *Adhiyajña* (o Supremo Sacrifício). Quem assim Me conhece, e com o coração cheio de amor e com a mente firme em Mim pensa, na hora da morte comigo se unirá para sempre".

CAPÍTULO VIII

AKSHARA PARABRAHMA YOGA — O CAMINHO PARA A DIVINDADE SUPREMA

Deus está sempre presente em tudo, vivificando o iluminando todos os sêres. Quem se deixa iluminar pelos raios da 8a-bodorla, torna-se sábio; a Sabedoria Divina nêle é uma força viva que o conduz ao conhecimento da Imortalidade.

1. Então dirigiu *Arjuna* ao Mestre Divino as seguintes perguntas:

"Dize-me, ó Imortal: Que é Brama? Que é Adhyâtman? Que é Karma? Que é Adhibhûta e Adhidaiva?

2. Como pode, ó Fortíssimo Herói! Adhiyajña (o Supremo Sacrifício) estar neste corpo, e como podem conhecer-Te na hora da morte aqueles que a Ti se dedicaram?"

3. Explica o *Verbo Divino*:

"*Brama*, o Criador, é o Ser Supremo, o Ser Indiviso, simples e eterno. A sua essência cha-

ma-se *Adhyâtman*, Alma das almas. Eu mesmo sou Brama. De Mim emana a Alma das almas, a vida universal, a vida una do universo. *Karma*, a Lei da causalidade, e que chamam também Essência da ação, é aquele princípio da minha emanação que faz com que os seres vivos nasçam, se movam e ajam.

4. *Ahibhûta*, o principio universal de vida, não é senão a minha Vontade manifestada nas leis naturais do universo. *Adhidaiva*, a suprema deidade, é o Espírito, cuja atividade perpétua produz a geração dos seres e das formas. *Adhiyñna*, o Supremo Sacrifício, é o meu aparecimento em corpo; êste mistério torna-se claro só àqueles que são capazes de compreender os ensinamentos superiores (1).

5. Quem, na hora da morte, em Mim fixa o pensamento, entra, depois de ter deixado o corpo, diretamente em minha Divina Essência.

6. Aquê, porém, que, na hora da morte, não pensou em Mim, mas dirigiu todos os pensa-

(1) Deus que, em sua essência, é imanifesto, invisível, imaterial, assume forma humana; como a Luz penetra as trevas e as transmuta em luz, assim a Divindade penetra a humanidade, para torná-la divina. Êste é o Supremo Sacrifício.

mentos a um outro sêr (2), depois da morte a êste sêr se une. Porque cada um chega a ser o que desejou ser; o semelhante atrai o semelhante.

7. Dirige, pois, a Mim todos os teus pensamentos e luta. Se a tua mente e o teu coração em Mim firmemente fixares, com certeza, enfim, a Mim chegarás.

8. Quem, abandonando todos os desejos pessoais, não tem a mente concentrada em nenhum outro sêr mas no Espírito Eterno, praticando o Reto Pensar e a Reta Ação, ao Espírito Eterno virá.

9. Quem, com a mente elevada e cheia de fé e amor, pensa em Mim, o Eterno, o Onipresente, Onisciente e Todo Poderoso; quem sabe que Eu sou, ao mesmo tempo, infinitamente pequeno e infinitamente grande, impalpável, o Senhor e sustentador de tudo; quem, com a visão espiritual, percebeu a majestade da minha face, eternamente velada ao ôlho material, e mais resplandescente do que o sol ao meio-dia:

(2) Há seres de natureza espiritual ("devas" ou "deuses") que, para nós, são invisíveis; o espírito humano pode entrar em relação com êles, se a êles dirige firmemente a sua vontade e o seu pensar.

10. Êsse participa da vida verdadeira e, na morte, se torna imortal; porque o seu espírito, tendo rompido todos os vínculos, entra em minha Vida, em minha Paz e em minha Essência.

11. Quero descrever-te, em poucas palavras, o caminho ao Espírito Eterno, a que as Escrituras Sagradas chamam o caminho para a imortalidade. Êste caminho é seguido por todos os que dominaram a si mesmos e se libertaram das paixões, e é escolhido por aqueles que se dedicam a uma vida santa, de continência, ascetismo, estudo das verdades divinas e meditação.

12. Ouve as instruções: Fecha bem as portas dos teus sentidos corporais. Domina o teu coração, concentra a tua mente sobre o teu Eu interior, e não a deixes vagar no exterior, nem ocupar-se com os pensamentos estranhos.

13. Sê constante e firme em teu propósito, e repete silenciosamente a mística palavra AUM, cujos três sons ou letras são símbolos do Sêr Supremo, como Criador, Conservador e Destruidor. Se assim te comportares, quando chegar a hora de deixares o teu invólucro corpóreo, entra-ras no caminho da Suprema Ventura.

14. O yogi que pensa em Mim incessante e fixamente, ó príncipe, e nunca se apega com

os seus pensamentos a qualquer outro objeto, com facilidade Me achará (1).

15. Todos os nobres e elevados espíritos que se uniram comigo, não precisam mais renascer na terra, neste lugar de sofrimentos e limitações. Não, eles não têm mais necessidade de voltar a esta escola de vida, porque já atingiram a esfera da Perfeita Sabedoria, Suprema Ventura e Vida imperecível.

16. Todos os mundos e universos (2), mesmo o mundo de Brama, onde um dia é igual a mil yugas (3), e a noite da mesma extensão, todos hão de passar. Mas, ainda que passem e se renovem e de novo passem, não há necessidade de volta para a alma do sábio que se uniu a Mim.

(1) Isto não quer dizer que não devamos ocupar-nos com os negócios e objetos exteriores, mas que devemos, qualquer que seja a nossa ocupação, fazer tudo com boas intenções e sem nunca nos esquecermos da divina origem e do divino alvo da nossa vida.

(2) Os hindus distinguem sete mundos (*lokas*) ou planos espirituais, a saber: 1 — *bhurloka* (o mundo físico); 2 — *Antariskshaloka* (o mundo astral); 3 — *Swarloka* (De-vakhan, o céu); 4 — *Maharloka* (o mundo das almas elevadas); 5 — *Janaloka*; 6 — *Tapasloka*; 7 — *Satyaloka*. Estes três últimos chamam-se *Brahmalokas*, mundos Divinos. O sétimo é o mundo da Realidade, Verdade Absoluta (*satya* — verdade).

(3) Um Maha-yuga dura 4.320.000 anos solares.

17. Aos dias de Brama sucedem as noites de Brama; a sua duração é enorme, pois conta-se em milhares de séculos.

18. No princípio de cada dia bramânico, emergem tôdas as coisas da invisibilidade e fazem-se visíveis; quando, porém, começa a noite bramânica, tôdas as coisas visíveis dissolvem-se e tornam a ser invisíveis.

19. Esta multidão de seres, tendo existido antes, manifesta-se com o despontar do novo dia, e desaparece necessariamente ao chegar a noite, para ressurgir com o alvorecer do novo dia seguinte.

20. Pois acima desta natureza visível e invisível existe o que se chama o Imanifesto, o Imperecível.

21. Neste supremo caminho, ó príncipe! chega-se ao Brama, que é o Imanifesto e Indestrutível; e quem o atingiu, não o perderá nunca mais; esta é a minha morada suprema.

22. Á suprema Essência, em que tôdas as coisas têm o seu sêr, e pela qual todo êste universo foi criado, pode ser encontrada só pelo espírito purificado, submisso à Vontade Suprema, desapegado de tudo o que não é divino.

23. Agora vou esclarecer-te sôbre as condições que determinam se os que passaram pela porta da morte hão de renascer, ou se não voltam mais à terra.

24. Aqueles que se desencarnam quando nêles arde o fogo do amor divino, iluminados pela luz do verdadeiro conhecimento que distribui o sol da sabedoria, conhecem o Espírito Supremo e com Êle se unem; êsses não são obrigados a renascer.

25. Aquêles, porém, que se desencarnam no meio da fumaça dos êrros, na noite da ignorância, não podem ultrapassar a região da Lua (1) e hão de voltar à esfera da mortalidade e ir renascendo até que adquiram o grau necessário de amor e de saber.

26. Êstes dois caminhos são denominados os caminhos eternos do mundo: um é claro, o outro é escuro. Pelo primeiro chega-se à esfera donde não volta mais; o segundo vai até a certa altura e dá volta para trás.

27. O verdadeiro yogi, o homem que se dedica todo à Divindade, sabe isto e não tem medo.

(1) Isto é, a região astro-mental ou de Kama-Manas.

Aperfeiçoa-te, pois, em yoga, e esforça-te por atingir o Saber Perfeito.

28. Os frutos dêste Saber, ó Arjuna! são superiores a tudo o que se pode alcançar pelo estudo das Escrituras Sagradas, pelos ritos e sacrifícios, pelas austeridades e pela distribuição de esmolas. O yogi que possui o Saber Perfeito, alcançou o Alvo Supremo".

CAPÍTULO IX

RÂJA-VIDYA — RÂJA-GUHYA YOGA — A SUBLIME CIÊNCIA E O SOBERANO SEGRÊDO

A quem tem a verdadeira fé, inabalável esperança e o divino amor, pode ser comunicada a mais sublime Ciência e revelado o Soberano Segrêdo, que é a presença Divina na Humanidade.

1. Fala o *Verbo Divino*:

"A ti, ó Arjuna, cujo coração está livre de contradição, ensinarei agora a misteriosa ciência suprema, a Ciência dos Reis (1) e o Real Segrêdo (2), cujo conhecimento te tornará para sempre livre do mal e da desventura.

2. Esta ciência é o mais alto conhecimento, o mais profundo mistério, o perfeito Purificador, compreensível pela intuição, eterna, infalível e facilmente praticável.

(1) Râja-vidya.

(2) Râja-guhya.

3. Aquêles que não a possuem, não podem chegar a Mim e, por isso, depois de desencarnados voltam a se reencarnarem neste mundo.

4. Todo êste universo, tanto em suas partes, como em sua totalidade, é uma emanção minha, e Eu o penetro com minha natureza invisível, Eu que sou o Imanifesto.

Tôdas as coisas de Mim provêm, mas Eu não tenho origem nelas; em Mim estão todas as coisas, mas Eu — em minha Divindade — não estou circunscrito por elas.

5. Não penses que tôdas as coisas sejam Eu mesmo. Eu sou o sustentador de tudo, penetro tudo, mas não sou limitado nem encerrado nisso.

6. Como o vasto volume de ar, em tôda a parte presente e em constante atividade, é sustentado e contido dentro do éter universal, assim tôdas as coisas em Mim estão, no Imanifesto. Pondera bem, ó Arjuna, sôbre êste mistério.

7. No fim de um Kalpa (1), todos os sêres e tôdas as coisas refluem em minha natureza imaterial e, no princípio de outro Kalpa, torno a emanar de Mim tôdas as coisas e todos os sêres.

(1) Um Kalpa, período de atividade criadora, é um dia de Brama, que dura 4.320.000.000 de anos solares. Corresponde ao que os teósofos chamam uma *Cadeia Planetária*.

8. Por meio da minha Natureza material, emanam tôdas as classes de sêres e coisas que constituem o universo, dando-lhes nova existência: a minha Vontade os vivifica; a Natureza por si mesma é impotente para fazê-lo.

9. Mas tôdas estas obras, ó príncipe! não Me alteram e não Me limitam; sou superior e indiferente a elas.

10. Obedecendo à Minha Vontade, a Natureza cria e destrói, produzindo os sêres animados e inanimados: eis a razão por que o universo se move.

11. Os que carecem da verdadeira Luz espiritual, desprezam-Me, quando apareço em forma humana, porque desconhecem a minha verdadeira natureza e ignoram que sou o Senhor Supremo do Universo.

12. Vaidosos são êles em suas esperanças, egoístas em suas ações, tolos em seu saber e sem conhecimento da Verdade, vivendo nos planos inferiores da consciência, onde a malícia, a brutalidade e o engano dominam.

13. Mas os homens iluminados, que têm desenvolvido a sua natureza superior, participam do meu Sêr Divino e adoram-Me com o ânimo sin-

ceros, com a dedicação completa dos seus corações, porque Me reconhecem como a Infinita e Eterna Origem de tudo.

14. Tendo vivo conhecimento do meu Poder, com seriedade Me procuram, com vontade firme, fé inabalável e coração puro Me adoram, nunca se desviando do caminho que a Mim condas.

15. Outros Me adoram pelo sacrifício de conhecimento, contemplando em tôdas as coisas a minha Unidade e minha Natureza indivisível.

16. Eu sou presente em tôda adoração; sim, Eu mesmo sou a adoração; Eu sou o sacrifício, a oblação e os perfumes sacrificiais; Eu sou a prece e a invocação; Eu sou o fogo que consome o sacrifício.

17. Eu sou o Pai do Universo e igualmente a Mãe; Eu sou a Origem e o Conservador de tudo. Eu sou o objeto do verdadeiro conhecimento; Eu sou a palavra mística AUM; Eu sou o Rig, Salma e Yajus-Veda (1).

18. Eu sou o Caminho, o Criador e o Sustentador, o Juiz e a Testemunha, o Abrigo e a Morada, o Amigo, o Princípio e o fim, a Criação e a Destruição, o Espaço e o Conteúdo, o Se-

(1) Isto é, toda a ciência.

meador e a Semente Eterna que dá frutos perpétuamente.

19. Eu produzo o calor e a luz do Sol; Eu mando e retenho a chuva; Eu sou a Morte e a Imortalidade; e, não obstante, sou Um e sempre o mesmo.

20. Os que seguem as prescrições dos Vedas, oferecendo muitos sacrifícios, bebendo *Soma* (1) sagrado e purificando-se dos pecados, e imploram o caminho do céu, serão admitidos no céu de Indra (2) e ali obterão o alimento celeste e gozarão os prazeres dos deuses.

21. Quando, porém, tiverem passado neste estado de delícias tanto tempo quanto mereceram pelas suas boas obras, hão de voltar a esta terra e renascer neste mundo terrestre; porque, ainda que tenham seguido as prescrições dos Livros Sagrados, eram observadores de formalidades e não

(1) *Soma* é a bebida sagrada dos brâmanes, extraída de uma planta rara; corresponde à ambrosia ou nectar dos gregos e à Eucaristia dos cristãos.

(2) O céu Indra é o mais alto dos céus onde, porém, ainda existe a ilusão da separatividade dos seres, e por isso, não pode ser o estado perfeito e eterno. Também ali há mocidade e velhice, isto é, as forças espirituais exaurem-se, o espírito entra em inconsciência e torna a reencarnar-se nesta terra ou em algum outro planeta.

chegaram ao conhecimento do Eterno. Dedicaram-se ao que é transitório e, por isso, é transitório o efeito da sua devoção.

22. Mas, quem a Mim unicamente adora e em Mim procura o refúgio, lhe darei a Ventura imperecível.

23. Entretanto, não te esqueças, ó caríssimo! de que mesmo aquele que adora outros deuses, porque não Me conhece, a Mim adora, sem o saber. Se êle assim faz com fé e amor, Eu aceito a sua adoração e o recompenso segundo seu merecimento.

24. Pois Eu sou o Senhor de todos os sacrifícios, e recebo-os todos. Mas aqueles que não Me conhecem em verdade, não podem chegar a Mim, e, por isso, hão de caminhar de renascimento em renascimento.

25. Cada um chega ao objeto de sua devoção. Os que adoram os antepassados, com eles morarão. Os que adoram os espíritos inferiores, à sua esfera irão. E aqueles que adoram a Mim, em minha Essência, comigo se unirão.

26. Sabe também, ó Arjuna! que Eu aceito toda a oferenda que se Me faça com amor: seja uma fôlha, uma flor, uma fruta ou apenas gotas

de água. Eu não olho o valor da oferenda, mas olho o coração de quem a faz.

27. Por isso, qualquer coisa que faças, quer comas ou bebas, quer recebas ou dêes, quer jejues ou ores, sempre pensa em Mim e oferece tudo a Mim.

28. E oferecendo a Mim tôdas as tuas ações, serás livre dos vínculos da ação e das suas conseqüências. A tua mente torna-se, assim bem equilibrada e harmonizada, e capaz de unir-se a Mim.

29. A todos os meus filhos no mundo, a todos os viventes, eu olho com igual amor e simplicidade. Todos Me são igualmente caros; não repilo a ninguém e a ninguém prefiro. Aquêles, porém, que Me adoram e a Mim se dedicam, êsses estão em Mim e Eu nêles.

30. Se um grande pecador a Mim se dirige e Me dedica o amor de sua alma, é digno de louvor, porque procura a verdade.

31. Em breve êle encontrará o caminho da retidão e, trilhando-o com perseverança, alcançará a Paz Eterna; pois Eu não abandono a nenhum dos que Me adoram em verdade.

32. Cada um que a Mim se dirige, acha em Mim o refúgio, e anda pelo soberano caminho,

mesmo que nascido de família pecadora, seja homem ou mulher, rústico ou peão.

33. Tanto mais os santos brâmanes e os pios reis-sábios! Compreende isto, ó príncipe! e considera esta terra como uma morada passageira, transitória.

34. Conhece-Me, adora-Me, fixa em Mim a tua mente e sem distração une a tua vontade à Minha, e nesta união encontrarás a mais perfeita felicidade da tua vida".

CAPÍTULO X

VIBHUTI YOGA - A EXCELÊNCIA DIVINA

Deus não é diferentes coisas, mas Tudo em tudo. Me é a Unidade de que procedem todos os números; Ele é, em tudo, o verdadeiro fundamento e a verdadeira essência. Em si mesmo imutável, manifesta-se de variadíssimos modos, conforme os pontos. Dele não podemos dizer que seja, em si mesmo, perfeito ou imperfeito, bom ou mau, porque Me é a Perfeição, e a Bondade mesma; em tôdas as coisas, Ele é o mais perfeito Sér.

1. O *Verbo Divino* continua:

"Ouve, ó forte Herói! a doutrina mais importante que te quero expôr, porque a minha palavra te alegra e porque quero o teu bem.

2. Não conhecem a minha origem nem os anjos, nem os deuses, nem os grandes espíritos, nem os adeptos ou outros homens adiantados no saber; porque Eu sou a origem dêles todos.

3. Quem se adiantou em sabedoria, tanto que Me conhece como Ser Infinito, sem princípio

e sem fim, o Senhor do Universo, êsse anda sem pecado, sem ilusão e sem êrro, no meio dos mortais.

4. Sabe que de Mim procedem todas as qualidades dos sêres individuais, como: a razão, o conhecimento, a sabedoria, paciência, verdade, clemência, domínio de si próprio, tranqüilidade, prazer e dor, nascimento e morte, coragem e medo.

5. Igualmente: a inocência, equanimidade, abstinência, contentamento, afabilidade, caridade, severidade, glória e modéstia.

6. De Mim tiraram origem os sete grandes Rishis ou reis-sábios, os quatro patriarcas (1) e os Manus (2): todos foram emanados da minha Mente, e dêles proveio o gênero humano.

7. Quem conhece esta minha soberania e a minha fôrça mística, sem dúvida é dotado de infalível e inteligente fé e devoção.

8. Eu sou a Origem de tudo. O universo inteiro de Mim emana. Os sábios, que são Minha imagem e semelhança, conhecendo esta verdade, dirigem-se a Mim com adoração.

(1) Os quatro patriarcas são os quatro espíritos emana-
nados de Brama; Sanatkumara, Sanaka, Sanatana e Sanan-
dana.

(2) *Manus* são os chefes e legisladores de uma raça.

9. Conservando-Me sempre em suas mentes, e fazendo a sua vida confluir com a minha, glorificam-Me constantemente, regozijam-se e são felizes. Eu, de contínuo, os ilumino o inspiro, e êles instruem uns aos outros e, com a luz do seu espírito, dissipam as trevas e a ignorância do mundo exterior.

10. A todos os que Me oferecem o coração, Eu sou a ciência do discernimento e intuição, para chegarem até Mim.

11. Residindo no centro das suas almas, faço-os sentir a Minha misericórdia, o Meu Amor, o espalho dali os raios do verdadeiro conhecimento, cuja luz dissipa as trevas oriundas da ignorância".

12. Exclama *Arjuna*:

"Em verdade, Tu és Parabram, o Senhor Supremo! Os deuses, anjos e sábios reconhecem-Te como o Refúgio universal, a mais elevada Morada, Eterno Criador, Sêr Absoluto Puríssimo, Onipotente, Onisciente, Onipresente!

13. Assim Te chamam os sábios, e Tu mesmo o confirmaste falando a mim. E eu Te creio em tudo e sem reserva, ó Senhor Abençoado!

14. A Tua presente manifestação encarnada, a Tua presença em forma terrestre é um gran

de mistério, que não compreendem nem os deuses, nem os anjos, nem os espíritos adiantados de todos os mundos.

15. Só Tu, único, Te compreendes, ó Fonte da vida, ó Senhor Supremo do universo inteiro, Deus dos deuses, Governador de Tudo o que é, foi e será!

16. Eu, Teu indigno discípulo, rogo-Te: podes me esclarecer a respeito das Tuas perfeições divinas e dizer-me com que misteriosa fôrça penetras todos os mundos e, no entanto, permaneces imutável em Ti mesmo?

17. Como poderei eu chegar a conhecer-Te? Como devo pensar em Ti? Como meditar em Ti, se não conheço a Tua forma própria?

18. Fala-me mais ainda, e mais extensamente, do Teu misterioso Sêr, das Tuas forças, dos Teus poderes e formas de manifestação, ó Senhor dos mundos! Eu tenho sede de ouvir as Tuas imortais palavras, como quem há muitos dias não bebeu águas. Refrigera-me com os Teus ensinamentos, ó Mestre inigualável!"

19. *O Verbo Divino*: "Ouve, meu caríssimo! Descrever-te-ei as principais das minhas divinas características e

manifestações; só as principais, porque sabes que o Meu Sêr e a Minha Natureza essencial são infinitos; as Minhas manifestações e Minhas fôrças não têm limites.

20. Eu, ó príncipe! sou o Espírito que reside na consciência de todos os sêres, e cujo reflexo é conhecido por todos como o "Eu" (ou Ego). Eu sou o princípio, o meio e o fim de tôdas as coisas.

21. Entre as Adityas (Deuses planetários), sou Vishnu (Deus Conservador); Entre os sóis brilhantes, sou o Sol Supremo; Entre os ventos, sou Marichi (Deus dos ventos); Entre os astros, sou a Lua.

22. No Vedas, sou o Sama-Veda (livros de hinos sagrados: Entre os deuses, védicos, sou Indra (o Rei dos deuses); Entre as faculdades, sou a Razão e, nos sêres vivos, sou a Vida.

23. Entre os aniquiladores, sou Shankara (o Destruidor); nos gigantes, sou a Grandeza; nos sêres elementares, sou o Elemento; entre os montes, sou Meru (a Montanha Santa).

24. Entre os sacerdotes, sou o Sumo Pontífice; entre os generais, sou Skanda (deus da guerra); entre as águas, sou o Oceano.

25. Entre os sábios, sou a Sabedoria; entre as palavras, a sílaba AUM. Entre os sacri-

fícios, sou a elevação do espírito. Entre as montanhas, sou o Himalaia.

26. Entre as árvores, sou a figueira sagrada (a árvore da vida). Entre os iluminados, sou a luz; no música das esferas, a harmonia; nos santos, a Santidade.

27. Entre os cavalos, sou Utchaisrava, o cavalo de Indra (símbolo da poesia), que nasceu de Amrita (água da imortalidade). Dos elefantes, sou Airavata (símbolo de sabedoria e grandeza), e entre os homens, o Governador.

28. Das armas, sou o raio, e Kâmaduk (símbolo da fertilidade) entre as vacas. Entre os amantes, sou o Amor; entre as serpentes, sou Vasuki (rei das serpentes, símbolo do saber).

29. Entre os dragões, sou Ananta (símbolo da inteligência); entre os sêres aquáticos, sou Varuna (deus da água); entre os Pitris (antepassados), sou Aryaman (o seu chefe), e dos juizes, sou Yama (o juiz dos mortos).

30. Sou Pralada entre os Daityas (1); Tempo entre suas medidas; leão entre as feras, e águia entre as aves.

(1) Daityas — Deuses intelectuais, opostos aos deuses meramente rituais, e inimigos de *puja*, sacrifícios.

31. Entre os purificadores, sou o puro ar; entre os guerreiros, sou Rama (poderoso conquistador). Entre os peixes sou Makara (o sagrado crocodilo); Entre os rios, sou o Gânges (o rio sagrado dos hindus).

32. De tôda a criação, Eu sou o princípio, o meio e o fim. Das ciências, sou a ciência do Espírito e o verbo dos oradores.

33. Das letras, sou o A; nas palavras a conjunção. Eu sou o tempo perdurável e Aquêlo cuja face se volta para tôdas as partes.

34. Eu sou tanto a Morte, que não poupa a ninguém, como o Renascimento, que dissolve a Morte. Eu sou a Glória, a Fortuna, a Eloquência, a Memória, o Juízo, a Fôrça, a Fidelidade, a Paciência.

35. Entre os cantos, sou o Hino Sublime; entre os versos, sou o Verso Místico. Entre as estações, sou a Primavera; entre os meses, sou o mês mais frutífero.

36. Eu sou a Sorte entre os jogadores, e o Esplendor de tudo o que brilha. Eu sou a Valentia e a Vitória; Eu sou a Bondade dos bons.

37. Eu sou o Chefe de grandes tribus e famílias; Eu sou o Sábio dos sábios, o Poeta dos

poetas, o Bardo dos bardos, o Vidente dos videntes, o Profeta.

38. Para os governadores, sou o Cetro do poder; entre os estadistas e conquistadores, sou a Diplomacia e a Política. Sou o Silêncio dos segredos, e o Saber dos eruditos.

39. Em suma, ó príncipe! Eu sou Aquilo que é o princípio essencial na semente de todos os seres e de tôdas as coisas na Natureza; cada sêr, animado ou inanimado, é por Mim penetrado, e, sem Mim, nada pode existir nem por um instante.

40. Sem fim são as minhas manifestações divinas, ó Arjuna! Só exemplos delas te apresentei. Os meus poderes são infinitos em qualidade e variedade.

41. Todo sêr e tôda coisa são o produto de uma infinitésima porção do meu Poder e da minha Glória.

42. Mas para que mais minúcias, ó príncipe? Sabe que Eu sustento todo êste universo continuamente, só com um infinitesimal fragmento de Mim mesmo".

CAPÍTULO XI

VIÇVA-RUPA-DÂRÇANAM — A VISÃO DA FORMA DIVINA UNIVERSAL

A forma divina ou personalidade de Deus consiste na soma de tôdas as formas e atividades, em que se manifesta o seu poder.

1. Então dirigiu *Arjuna* ao Senhor Abençoado estas palavras:

"Os Teus ensinamentos, ó Senhor, com os quais Te dignaste explicar-me o grande mistério do Espírito, destruíram a minha ilusão e ignorância.

2. Tu me revelaste a plena verdade a respeito da criação e destruição de tôdas as coisas, a respeito da Tua grandeza, infinita perfeição e universal imanência.

3. Tu és, em verdade, o Senhor do universo, como me expuseste e me convenceste. Mas, se é possível, ó meu Senhor e Mestre! mostra-me a Tua majestosa forma.

4. Se julgas que sou capaz de vê-la, faz-me ver a Tua própria Face e Forma, o Teu Eterno Eu, ó Adorado!"

5. A *Divindade* responde:

"Vê, pois, ó filho da Terra, e contempla-me, que sou Um só, em milhares e milhões de diferentes e variadíssimas formas.

6. Imerge o teu olhar no reino dos deuses, anjos e arcanjos, espíritos planetários, diretores dos mundos e muitos outros sêres misteriosos, com que não sonha nem a mais indómita especulação e fantasia.

7. Vê e observa o Universo inteiro, com todos os seres animados ou inanimados, resumido no meu corpo. Nêle encontras tudo o que desejas ver.

8. Mas não é com os teus olhos materiais que Me podes ver. Para isto, abro-te a tua visão espiritual. Olha, pois, e vê agora a minha gloriosa Natureza Mística!"

9. *Sanjaya*:

"Tendo o Senhor dos Mundos assim dito, deu-se a conhecer ao Filho da Terra em seu supremo aspecto de Senhor Absoluto, cujo domínio abrange o universo inteiro

10. Neste aspecto, viu-se como Muitos em Um só: com inúmeras faces e olhos e bocas, inúmeras aparências, consciências e formas, com todo o esplendor de adôrnos celestes, com tôdas as fôrças de poder divino, divinamente vestido e coroadado, exalando agradabilíssimos perfumes.

11. Luminoso, radiante, maravilhoso, cheio de graça, e onividente era o seu Semblante.

12. Se mil sóis, ao mesmo tempo, brilhassem no firmamento, a luz dêles haveria de empalidecer na presença da Glória que aquele Semblante irradiava em todas as direções.

13. Arjuna viu, então, todo o Universo, variadíssimo em suas múltiplas aparências, formando uma Unidade no Corpo do Ser Absoluto, e manifestando-se como muitíssimas partes nos corpos dos deuses.

14. Arrebatado e pasmado, e com os cabelos arrepiados, mirou e admirou essa Visão Maravilhosa; e, inclinando a cabeça com reverência e devoção, juntou as mãos e dirigiu-se ao Altíssimo, dizendo:

15. (*Arjuna*):

"No corpo Teu, ó Deus! eu vejo todos Os deuses, os degraus de sêres todos;

Noto o Brama, sentado em flor do loto, E a seu redor os Santos com os Sábios.

16. Inúmeros Teus braços são, o os olhos;
Inúmeros Tens peitos, Tuas bôcas.
Eu vejo que no Teu Sêr infinito
Não há princípio, ou meio, ou fim algum.

17. Sôbre a cabeça trazes a corôa,
Na mão o cetro e o disco segurando.
Por tôda a parte irradias viva Luz,
Tão forte, que os olhos meus ofuscas.

18. És indiviso, ó Rei dos entes todos!
A Lei e o Coração de todo o Cosmos;
Tu és o Alvo mais alto do saber, — De
todo sêr que existe, a Eterna Fonte.

19. Não tens princípio, meio ou fim algum.
É eterno o Teu poder, a Tua ação.
Teus olhos são o claro Sol e a Lua, A
Tua face brilha como fogo.

20. Com Tua luz, Tu enches os espaços,
O Teu amor aquece os mundos todos;
Todas as terras, todos os empíreos
De Ti, de Tua glória cheios são.

21. Porém, vendo a estupenda face Tua,
Os mundos tremem, fogem-Te os demônios,
E as multidões dos santos e dos pios
As mãos estendem, dando-Te louvores.

22. Com hinos Te celebram, Grande Deus,
Tôdas as multidões e classes de anjos,
Arcanjos, querubins e serafins,
E todos os mais entes celestiais.

28. Reunindo-se em falanges numerosas,
Admiram, ó Senhor! a Tua forma. Os mundos,
vendo a Tua majestade, Pasmam, e em mim
palpita o coração.

24. Com a cabeça tocas o alto céu,
Em milhares de côres resplandesces;
A Tua bôca aberta está, horror!
E como os grandes olhos Teus flamejam!

25. Teus dentes, ai! se ouriçam e me assustam,
A Tua bôca ao mundo lança incêndio.
Que aspecto aterrador é para mim!
Já perco os meus sentidos; tem piedade!

26. De Dhritarâshtra os filhos, e com êles
A multidão dos grandes generais,
O invencível Bhishma, Drôna, Karna, E dos
guerreiros nossos os mais fortes...

27. Desaparecem nessa horrível bôca,
Da qual os aguçados dentes vejo.
Ai! Muitos vejo já com membros triturados;
Despedaçados são por êsses dentes!

28. Como os rios, correndo ao mar enorme,
Com rapidez ao alvo seu encaminham,
Irresistivelmente vão lançar-se
Êsses heróis em Tua garganta ardente.

29. Como as moscas, à luz da vela voando,
Vão perecer na chama que procuram:
Assim os mundos vão se aproximando, A
passos apressados, do seu fim.

30. Em Teus lábios, Senhor, em Tua garganta,
Todos os mortais sumir-se eu vejo;

A Tua luz penetra todo o mundo, E Teus
fogosos olhos queimam tudo.

31. Oh! dize-me quem és, que tão terrível
Aspecto tens? Perante Ti me prostro;
Oh! tem piedade! quero conhecer-Te, Mas
esta aparição eu não compreendo."

32. O *Sublime* fala:

"Eu sou o Tempo, destruidor dos mundos.
Sob esta terrível forma, aqui
Me empenho na destruição
Desta multidão de príncipes.
De todos os guerreiros que aqui vês,
Nenhum Me escapará. Só tu os sobreviverás.

33. Levanta-te, pois, teu é o poder;
Combate, tu serás o vencedor,
Meu braço já abateu teus inimigos;
Sê instrumento Meu; sê Meu executor.

34. Derrota todos: Bhishma, Drôna, Karna,
E Yayadratha com os mais heróis;
Eu já os destrui, não estremeças! Coragem!
e serás o vencedor!"

35. *Sanjaya*:

O heróico Arjuna, ouvindo estas palavras do Senhor dos
mundos, prosternado e humilhado estendeu as mãos e disse com
trêmula voz:

36. *Arjuna*:

"O mundo, com razão, Senhor, se alegra
Em Tua luz e Tua majestade.

Adoram-Te com júbilo os anjos, Porém,
fogem de Ti os maus, os demos.

37. A Ti pertence a glória, a Ti sòmente, Sêr
dos seres, mais alto do que Brahm!
Espírito Infinito, Único, Eterno,
Que, ao mesmo tempo, és o Sêr e o Não-sêr!

38. Tu és o Deus Supremo, o Criador,
Sustentador de todo êste Universo;
De todos os sêres és a Origem, És a
Verdade estável, e o Saber.

39. Tu és o fogo, és a Água, o Vento, a Terra,
A Lua; és o Senhor e o Pai dos homens.
Sòmente a Ti pertence a glória vera,
A Ti sòmente deve-se adorar.

40. Senhor, louvado sejas nas alturas
E nas profundidades dos abismos;
Sem fim é Teu poder e Tua fôrça, Tu és o
Todo, e tudo Tu sustentas.

41. Perdoa-me que, confidentemente,
Eu Te chamava: "Ó Krishna! amigo meu!"
Perdoa-me esta leviandade
E a falta de respeito a Ti devido.

42. Perdoa as faltas minhas, cometidas,
Talvez, no gracejar, em companhia,
Ou quando estava só, em pé, no leito, Parado
ou caminhando, em ignorância!

43. Ó Senhor do Universo! Pai de tudo!
Ó Fonte do Saber! Supremo Mestre!
Não há ninguém que seja igual a Ti, Tu,
infinitamente poderoso!

44. Humildemente, prostro-me a Teus pés
Imploro, meu Senhor, Tua clemência:
Oh! sê-me afável, como o pai ao filho,
Como um amigo, ou um amante, ao outro.

45. Mirando as Tuas grandes maravilhas,
Me extasio, porém temor me invade;
Desejo em outra forma contemplar-Te; Oh! mostra-Te,
Bondoso, noutro aspecto!

46. Desejo ver-Te, como eu antes Te vi;
Ver-Te com a corôa, o cetro e o disco.
De novo, aparece-me nessa forma,
Que me sugere amor, e não me espanta!"*

47. Disse *Krishna*:

"Por Meu poder contemplaste, Arjuna, Infinita e
radiante, a minha forma, Que em si contêm dos sêres o
conjunto; Ninguém dos outros ainda assim Me viu.

48. Nem dos Sagrados Livros os estudos,
Nem esforços mentais, nem sacrifícios,
Nem boas obras, nem a penitência Me podem
revelar assim aos homens

49. Não temas, não te assustes, caro,
Por teres visto esta minha forma;
Liberta-te do todo o medo, e vê-Me
De novo, agora, em minha forma humana.

50. *Sanjaya*:

Pronunciadas estas palavras, apareceu
Krishna ao príncipe pândava outra vez em sua

forma usual, com a expressão de suprema bondade
e meiguice, tranqüilizando assim o atemorizado
Arjuna.

51. *Arjuna*, recuperando a tranqüilidade de
ânimo, exclamou:

"Oh! como se acalma o meu espírito, quando
me apareces em Tua pacífica Forma humana!"

52. Respondeu *Krishna*:

"A forma em que me viste, ó príncipe! é tal,
que a poucos é dado contemplá-la. Os deuses, os
arcanjos e os espíritos dos mais altos céus desejam
ardentemente vê-la, mas não podem encarar-Me
como tu Me encaraste.

53. A esta visão não se chega pela leitura
das Escrituras, nem por voluntários martírios,
nem pela distribuição de esmolas ou sacrifícios.

54. Só pelo verdadeiro amor e verdadeira
devoção se pode chegar ao conhecimento do Meu
Sêr, e conhecer e ver e penetrar Minha essência.

55. Quem tudo faz em Meu nome; quem Me
reconhece como o alvo de todos os seus mais no-
bres esforços; quem Me adora, livre de apêgos e
sem odiar a ninguém, êsse chegará a Mim.

CAPÍTULO XII

BHAKTI YOGA -- UNIÃO PELA DEVOÇÃO

A verdadeira religião é a União da alma Individual com Deus, o Espírito Universal.

1. *Arjuna:*

"Dos que desejam estar sempre Contigo, e com amor meditam em Ti pelo processo indicado, e daqueles que meditam no Indestrutível e Imanifestado, quais são os melhores *yogis*?"

2. *Krishna:*

"Considero melhores *yogis* aqueles que buscam a comunhão eterna Comigo, e que, com a mente fixa em Mim, meditam em Mim com o maior fervor".

3. Aqueles, que Me adoram como o Sêr Absoluto, Infinito, Imanifesto, Onipresente, Onipotente, Onisciente, Incognoscível, Incompreensível, Inefável, Invisível, Eterno, Imutável, Um e Tudo;

4. Que, dominando os seus sentidos, conservam sempre o ânimo igual, respeitam todos os seres e se regosijam com o que é bom e belo, onde quer que esteja, desejando o bem-estar a todos, também êsses chegarão a Mim.

5. O caminho dos que Me reconhecem como o Absoluto e Imanifesto, é muito mais árduo do que o caminho dos que Me adoram como Deus manifesto e possuidor de forma, A concepção de Absoluto, Infinito é a causa mais difícil para a mente finita do homem. É muito difícil para o visível conceber o invisível, o finito conceber o infinito.

6. Mas aqueles que em Mim renunciam tôdas as suas ações, e meditam em Mim como seu ideal mais elevado, considerando tal meditação como um fim, sua mente está fixa em Mim,

7. Prontamente os salvo do oceano, das mortes e renascimentos.

8. Descansa em Mim tua mente, ó príncipe! e satura tôda a tua mente de Meu Sêr, e ao deixares esta vida, morarás certamente em Mim.

9. Mas, se não és capaz de dominar os teus pensamentos de tal modo que sejam sempre a Mim dirigidos e em Mim fixados, esforça-te então

por Me alcançar mediante perseverantes exercícios devocionais.

10. Se, porém, és incapaz de praticar exercícios devocionais, executa Meu trabalho por amor. Oferecendo-Me as tuas obras, alcançarás a meta.

11. E se ainda isto não fores capaz de fazer, satisfatòriamente, refugia-te então em Mim e dominando-te a ti mesmo renuncia aos frutos das tuas obras.

12. Pois melhor do que os exercícios devocionais é a sabedoria (conhecimento espiritual); melhor do que a sabedoria é a meditação, e melhor do que a meditação é a renúncia aos frutos da ação. Da renúncia nasce a paz de espírito.

13. Em verdade, te digo, que amo aquele que não odeia a ninguém e a ninguém faz mal, mas é amigo e amante de tôda a Natureza, e aquêle que é bondoso, livre de vaidade, orgulho e egoísmo, e conserva sempre a eqüanimidade, sendo paciente na desventura.

14. Amo aquêle que é sempre constante, afável e piedoso, manso de coração e de firme vontade, e cujos pensamentos em Mim se concentram.

15. Amo aquele que não tem cuidados mundanos, não teme o mundo e não é tímido; quem

é livre de turbulência, da cólera, impaciência e medo, e não se entrega à tristeza nem à alegria excessiva.

16. Amo aquele que não tem preconceitos, é justo e puro, imparcial, confidente, livre de tô da ânsia, e nunca desespera.

17. Amo aquele que não se apaixona, nem odeia, não se entristece nem cobiça, e desaparece-se das ações tanto boas como más (1).

18. Amo aquele que igualmente considera o amigo e o inimigo, os honrados e os desprezados, e com igual ânimo suporta o calor e o frio, o prazer e a dor, a nada se apegando.

19. Amo aquele que não murmura contra o destino, não se importa se o mundo o louva ou censura, em todo lugar está contente e, firme em seu propósito, em Espírito Me adora.

20. Porém, os mais amados Meus são aqueles que praticam, qual indiquei, este bendito e jamais falível *Yoga* ou União, com fervor e amor tal, que não vejam nenhum outro ideal superior.

(1) Porque tanto umas como outras, feitas com apêgo, citam a alma, kârmicamente, ao ciclo das reencarnações compulsórias, isto é, não a libertam.

CAPÍTULO XIII

KSHTRA-KSHETRAJÑA-VIBHÂGA YOGA — O CAMPO E O CONHECEDOR DO CAMPO

1. *Arjuna:*

"Dá-me, ó Mestre Divino! esclarecimentos a respeito daquilo que chamamos Matéria, e do que é o conhecimento e o conhecido, Espírito; explica-me o que é que se denomina o Campo Conhecedor do Campo",

2. Responde o *Verbo Divino:*

"Aquilo que chamas corpo ou teu eu pessoal, ó Arjuna! alguns filósofos denominam "o Campo". A quem o conhecem os Sábios o chamam "Conhecedor do Campo".

3. Sabe que Eu sou o Conhecedor do Campo em todos os Campos. A Mim o discernimento entre o Campo e o Conhecedor do Campo é a verdadeira Sabedoria".

4. Ouve agora; quero falar-te da natureza da Matéria, sua organização, suas propriedades, sua origem e transmutações; igualmente falarei do Espírito e seus sinais característicos. Êste assunto foi descrito de diferentes modos pelas *Puranas*, pelos vários *Vedas* e pelos aforismas de Vyasa, com suas razões e decisões.

5. Êste assunto foi descrito de diferentes modos pelos *Puranas*, pelos vários *Vedas* e pelos aforismos de Vyasa, com suas razões e decisões.

6. Com o nome de Natureza Material designam-se: os elementos materiais, a consciência de personalidade, o intelecto, a fôrça vital, os centros dos sentidos, a mente, os órgãos dos sentidos.

7. O amor e o ódio, o prazer e a dor, a multiplicidade, sensibilidade e coesão.

8. A Sabedoria Espiritual consiste em; modestia, sinceridade, inocência, paciência, retidão, respeito para com os superiores, castidade, constância, domínio de si próprio.

9. Ausência de sensualidade, ausência de orgulho e vaidade, conhecimento dos males de nascimento e morte, velhice, doença e sofrimentos.

10. Ela ensina a libertar-se dos vínculos pessoais entre o possuidor da sabedoria e sua

mulher, seus filhos, sua casa. Dá constante equanimidade e tranqüilidade de espírito, tanto na ventura como na desventura.

11. Ensina a verdadeira adoração e devoção, o auto-isolamento do mundo profano e a abstinência de divertimentos mundanos.

12. Além disso, o amor a Deus, a persistência no verdadeiro conhecimento e a meditação sobre a verdade. Isto é chamado, pelos filósofos, *Jñana, o conhecimento*; o contrário é *Ajñána, a ignorância*; tudo o mais é ignorância.

13. Agora, explicar-te-ei qual é o objeto do conhecimento e qual a espécie de conhecimento que confere a Imortalidade. O objeto do conhecimento é Parabrahm (1), que não tem princípio nem fim, e não se pode chamar nem Ser, nem Não-ser.

14. Suas mãos, pés, cabeças e faces estão em tôdas as partes; Êle vê tudo e tudo ouve, e contém em si todo o Universo, em que mora.

15. Sem órgãos e sentidos próprios, manifesta-se, entretanto, por todos os órgãos e senti-

(1) Parabrahm — a Suprema Divindade (Deus, no sentido cristão).

dos do Universo inteiro. É intacto o livro, o contém tôdas as coisas; em si mesmo é sem qualidades e, contudo, tem o conhecimento de tôdas as qualidades e todos os atributos.

16. Está dentro e fora de todos os sêres; é movente e também imovente; é tão sutil que é imperceptível; está perto e ao mesmo tempo distante.

17. Presente em todos os sêres como seus *atmas* (almas), file parece fragmentado, mas realmente é indivisível. Conheci êsses *atmas* como os sustentadores dos corpos, reproduzindo-os e alentando-os.

18. O *Alma* (Deus), é a luz-das-luzes. Êle é o Conhecimento, o Conhecedor e o Conhecido. Mora nos corações de todos.

19. Com estas concisas palavras, dei-te a idéia do Campo, do Conhecimento e o objeto do Conhecimento. Os sábios que isto conhecem, unificam-se Comigo.

20. Sabe, ó Arjuna! que tanto a Matéria, como o Espírito, são sem principio e sem fim. Sabe também que da Matéria procedem tôdas as modificações e qualidades e que, portanto, transcende a tôda matéria.

21. A Matéria, estando em contínuo movimento, produz variadíssimas e mutáveis formas; o Espírito, porém, é a causa do sentimento de prazer o dor.

22. O Espírito recebe as impressões das propriedades que emanam da Matéria. O apêgo a estas qualidades determina a sua reencarnação em boas e más matrizes.

23. O Espirito Universal é espectador, diretor, protetor o possuidor; Êle é a Alma do Universo, a fôrça que fecunda a Matéria, e permanece intato no meio das atividades desta.

24. Quem compreende o que é a Matéria, o Espírito e as propriedades da Matéria, como te expus, sente-se idêntico com o Espírito, é filho da Luz, e quaisquer que sejam as condições da sua vida, pertence àquêles que não estão mais sujeitos às reencarnações.

25. Alguns chegam ao conhecimento do seu Eu Espiritual por meio da meditação; outros pelo pensar aprofundado; alguns alcançam a percepção mediante renúnciação; outros por meio de boas ações.

26. Há muitos que não descobriram esta verdade por si mesmos e em si mesmos, mas ouviram

a doutrina e os ensinamentos de outros, e respeitam-nos; também estes, agindo de acordo com a doutrina, vencem a morte pela força da fé.

27. Sabe, ó príncipe! que cada ser criado, seja animado ou inanimado, é produzido pela união do Campo com o Conhecedor do Campo.

28. Quem vê a Alma Universal imanente em todas as coisas, imperecível ainda que em coisas perecíveis, esse em verdade vê.

29. Vendo a mesma Alma Universal imanente em todas as coisas, não caí no erro de identificar o seu Eu com os princípios inferiores, e assim é livre da ilusão da mortalidade, e elabora a sua Salvação.

30. Verdadeiramente vê quem percebe que todas as ações são executadas pelo corpo (ou Matéria), cujas qualidades (*gunas*) atuam cada qual à sua maneira, e não pelo Eu.

31. Unifica-se com Deus quem vê que as diferenças entre os seres e o aumento da família provém tão só de um dos dois elementos reunidos, que é o corpo (ou Matéria).

32. O Imperecível e Supremo SÊR, sem princípio nem qualidades, conquanto resida no corpo, permanece impassível e inativo.

33. - Como o éter que tudo penetra e nada o afeta sem razão de sua extrema subtilidade, assim nada contamina o Espírito, ainda que, em todas as partes resida na Matéria (ou corpo).

34. Como o Sol ilumina todo este mundo, assim o Senhor do Campo ilumina todo o Campo.

35. Alcançam o Supremo aqueles que com os olhos da sabedoria discernem a diferença entre o Campo e o Conhecedor do Campo, bem como os meios de se libertarem da Matéria moldada na forma de um corpo.

CAPÍTULO XIV

GUNA-TRAYA-VIBHAGA YOGA — AS TRÊS GUNAS OU QUALIDADES DA MATÉRIA

Tudo o que tem lugar na Matéria e na Consciência é consequente de três qualidades, as quais são o motivo de todos os atos materiais de sentir, querer, pensar e agir. Estas três qualidades, forças ou "gunas" chamam-se, em termos sânscritos: "Sattwa", "Rajas" e "Tamas".

"Sattwa" designa Equilíbrio, Ritmo, Harmonia; "Rajas", Atividade, Movimento, Emoção, Ambição; "Tamas", Estabilidade, Resistência, Inércia, Obscuridade.

A Divindade é superior à Matéria, com as suas qualidades. A Divindade em si mesma, nem é "boa" nem "má", porque estas palavras exprimem idéias relativas, e são aplicáveis só ao que é manifestado. Quem se torna superior a estes três atributos naturais, unindo-se à sua Essência Divina e realizando a Consciência do seu Eu Divino, alcança a Liberdade.

1. Continua *Krishna*:

"Presta atenção, ó Arjuna! quero dar-te ainda mais esclarecimentos e ensinar-te mais verdades da Suprema Sabedoria. Esta Sabedoria é o

melhor que se pode possuir; os sábios e santos que a possuíram chegaram às alturas da Suprema Perfeição.

2. Tendo alcançado o Supremo Conhecimento vieram unir-se comigo, entrando em meu Ser. Eles não renascerão, nem quando um novo universo fôr criado, e a dissolução do universo não os tocará.

3. Êste Universo de matéria é a minha matriz, em que ponho o germe de que provém todos os seres.

4. Quaisquer que sejam as matrizes de que nascem os seres, êste Universo é a sua matriz, e Eu, o Pai inoculador.

5. A Matéria tem três qualidades, princípios ou gunas, que se chamam: *Satwa* ou *Harmonia*, *Rajas* ou *Movimento*, e *Tamas* ou *Inércia*. Êstes três atributos vinculam a alma ao corpo ou o Espírito à Matéria.

6. Os seus vínculos são diferentes, mas todos são vínculos. *Sattwa*, a *Harmonia*, sendo pura e imaculada, vincula a alma pelo amor ao conhecimento e à harmonia. Quem está em seu poder, renasce por causa dos vínculos que o prendem ao saber e à beleza.

7. *Rajas*, a Emoção, é a natureza passional, o desejo que vincula a alma, incitando-a a ocupar-se da ação e dos objetos e levando-a ao renascimento pelo apego à ação.

8. *Tamas*, a inércia, vincula a alma pelos laços da negligência, apatia e preguiça.

9. *Sattwa* (Harmonia) prende à felicidade; *Rajas* (Emoção) ata a ação; mas *Tamas* (Inércia) obscurecendo a reta percepção, encadeia os mortais à indolência.

10. Quando o homem venceu *Tamas* e *Rajas*, reina nele *Sattwa* só. Quando desapareceu *Rajas* e *Sattwa*, domina o *Tamas*. E quando desapareceu *Tamas* e *Sattwa*, governa *Rajas*.

11. Vendo a Sabedoria manifestada em alguém, sabe que *Sattwa* é a guna que o domina.

12. Onde se vê avidez, obstinação, muita atividade, agitação e desejo, ali *Rajas* exerce o seu poder.

13. Quando aparece estupidez, preguiça, vaidade e falta de idéias, *Tamas* está no trono.

14. Se na hora de sua morte prevalece a Harmonia, o homem vai, para os imaculados mundos dos grandes Sábios.

15. Mas se predomina a Emoção, renasce o homem, entre os inclinados à ação. E se na Inércia desaparece, volta a nascer entre os ignorantes.

16. O fruto de uma boa ação é puro e harmônico; o fruto da Emoção é em verdade dôr, mas o da Inércia é ignorância.

17. Da Harmonia procede o conhecimento; da Emoção, o desejo, e da Inércia, o êrro, a ignorância, a preguiça.

18. Os que estão situados na Harmonia, ascendem ao alto; os ativos moram na região intermediária, e os inertes se afundam nas mais vís qualidades.

19. Quando o Vidente se apercebe de que as qualidades são o único agente, e reconhece AQUELE que se sobrepõe às qualidades, então participa de Minha natureza.

20. Quando a alma encarnada ultrapassar essas três qualidades que aparecem com a formação de um corpo, e quando se tornou consciente do que existe além delas, libertou-a dos vínculos das *gunas* e, por conseguinte, também dos vínculos do nascimento e da morte, da velhice e do sofrimento, e bebe o néctar da Imortalidade.

21. Pergunta *Arjuna*:

"E como se pode conhecer, ó Senhor! aquele que alcançou essa vitória? Como vive e como vence essas três qualidades?"

22. Responde *Krishna*:

"Diz-se que ultrapassou as qualidades quem, sentindo o efeito que as qualidades produzem — percepção, ação ou ilusão — não lhe repugnam os maus frutos advindos nem anseia pelos bons frutos frustrados".

23. Aquêle que, como neutro espectador, não é comovido pelas qualidades, mas, imperturbável se retrai delas com o pensamento: "as qualidades desempenham sua tarefa".

24. Aquele que, equânime no prazer e na dor, fixa-se no Eu, olhando indiferente a argila, a pedra e o ouro; que, firme no louvor e no vitupério, recebe com a mesma afabilidade as coisas agradáveis e desagradáveis.

25. Aquele que com igual indiferença aceita as honrarias e os vitupérios; que por igual olha os amigos e inimigos, e desprendido de todos os compromissos.

26. Aquele que se consagra exclusivamente a Mim pela Yoga da devoção: êsse supera tais qualidades e unifica-se com o ETERNO.

27. Pois Eu, sou a causa principal de se tornar alguém o ETERNO, imortal e imperecível; da conquista do sempre inesgotável poder, e da bem-aventurança obtida com sincera e pura devoção.

CAPITULO XV

PURUSHÔTTAMA-PRAPTI YOGA — O CONHECIMENTO DO ESPÍRITO SUPREMO

O homem alcança a libertação espiritual e, por conseguinte, a sua perfeição, quando chega ao conhecimento da Divindade, em si mesmo, e torna-se consciente do Espírito Supremo.

Continua *Krishna*:

1. Os Vedas descrevem *Asvatha* (*Ficus Religiosa*), que é uma árvore invertida, com as raízes para cima e os galhos para baixo. Ê imperecível, e suas folhas correspondem aos hinos védicos. Quem a conhece é conhecedor dos Vedas.

2. Seus galhos alçam-se para o céu e vergam-se até a terra; sua seiva nutriz representa as *gunas* (qualidades), e seus rebentos equivalem aos objetos sensórios. Suas radículas pendentes até o solo, significam as ações engendradas no mundo dos homens, que os reatam com laços cada vez mais apertados.

3. Não é possível conhecer-se aqui a natureza; fim e sustentáculo dessa *Asvatha*, tão sòlidamente radicada. Abatei-a, pois, com o potente machado do discernimento.

4. Então poderá ser buscada aquela meta, donde não retornam mais os homens que a atingirem. Que solicitem o auxílio do Sêr que é a Fonte primária donde flui esta remotíssima corrente de apêgos.

5. Que se libertem da ilusão do egoísmo, vençam o pecado dos apegos e residam sempre no Eu. Então o abandonarão os objetos sensórios e com êles desaparecerão os "opostos" conhecidos como prazer e dor. Contemplarão vivamente o Eu, e assim atingirão a meta imutável.

6. Ali não há brilho do sol, nem da lua, nem do fogo. Minha é a Luz Infinita, da qual não retornam os homens que a tenham alcançado.

7. No mundo dos vivos, um fragmento de Mim Mesmo se transforma num Espírito imortal, que do reservatório da Natureza atrai para si os cinco sentidos e a mente.

8. Quando o Eu, o governador dos sentidos e da mente, toma um corpo ou o abandona, recolhe-os e leva-os consigo; procede o vento com o perfume das flores.

9. O Eu, unido à vista, ouvido, olfato, paladar e tato, e à mente, faz experiências com os objetos dos sentidos.

10. Os ignorantes e iludidos não vêem o Eu, quando deixa o corpo, nem quando está nêle; nem sabem como se encarna o Espírito, unindo-se às três *gunas*.

11. Os iluminados e os yogis o vêem e conhecem. Mediante freqüente meditação, alcançam a percepção dêle em si mesmos; mas aquêles cujas mentes estão obscurecidas, não o percebem, ainda que o procurem.

12. Sabe, ó Arjuna, que a luz radiosa que se desprende do Sol, iluminando o mundo inteiro, e é refletida pela Lua e a chama ígnea que a tudo abraza, provêm tôdas de Mim.

13. Eu penetro na terra e sustento tôdas as coisas com a minha fôrça viva; Eu sou a seiva das plantas e dos vegetais.

14. Como as fôrças vitais, o fogo da vida, penetro no corpo que respira e, unido com a inalação e a exalação, dirijo os processos digestivos, assimilativos e eliminativos.

15. Eu resido nos corações e nas mentes dos homens, e de Mim provém a memória, o en-

tendimento e a privação de ambos. Eu sou, o que se há de conhecer nas Vedas. Eu sou o conhecedor das Vedas e o autor da Vedanta.

16. Há dois aspectos neste mundo: a Unidade e a Pluralidade; a Alma Superior e as almas inferiores; o Indivisível e o Divisível. O Indivisível é superior a tôdas as formas da Natureza.

17. Êstes dois aspectos formam a Unidade Universal. Mas há ainda um Sêr Supremo, o Espírito Absoluto, a Alma das almas, o Sustentador, o Origem e o Senhor de tudo.

18. Eu sou este Espírito Absoluto, e estou dentro e acima da Alma Una e da Alma múltipla; por isso, as Escrituras Me denominam o Altíssimo.

19. Quem, com a mente desanuviada, Me conhece assim como o Altíssimo, a tudo conhece, ó Arjuna, e de todos os modos me adora.

20. Declarei-te, pois, êste secreto ensinamento. Sábio é quem o compreende, e cumprida está a tua tarefa.

CAPÍTULO XVI

DAIVA-SÂRASAUPAD VIBHÂGA YOGA — DISCERNIMENTO ENTRE O DIVINO E O DEMONÍACO

O homem representa, por si mesmo, um universo em pequena escala (um microcosmo). Sendo o homem um ser espiritual organizado, é influenciado por seres superiores e inferiores; para poder distinguir as boas e más influências, necessita da Consciência Divina.

1. Prossegue *Krishna*, o Verbo Interno:
"Vou dar-te os sinais característicos dos homens que andam pelo caminho que conduz à Vida Divina. Ei-los: Intrepidez, pureza de coração, perseverança em busca da sabedoria, caridade, abnegação, domínio de si mesmo, devoção, religiosidade, austeridade, retidão.
2. Abstenção de más ações, veracidade, mansidão, renúncia, equanimidade, boa vontade, amor e compaixão para com todos os seres, ausên-

cia do desejo de matar, ânimo tranqüilo, modéstia, discrição, firmeza;

3. Fortaleza, paciência, constância, castidade, humildade, indulgência.

4. Agora ouve os característicos dos homens que andam pelo caminho que conduz aos demônios: Hipocrisia, orgulho, arrogância, presunção, cólera, rudeza e ignorância.

5. O bom caráter liberta da imortalidade e conduz à Divindade. O mau caráter causa repetidos nascimentos mortais. O primeiro dá liberdade, o segundo escravidão. Mas não temas, ó herói! tu tens bom caráter e destino divino.

6. Duas espécies de natureza pode-se observar neste mundo humano: a divina ou boa, e a diabólica ou má. As características da natureza boa ou divina já te descrevi suficientemente. Escuta agora, ó Filho da Terra! quais são as características da natureza má.

7. Os seres que são iguais aos *Asuras* (demônios, espíritos maus), não conhecem nem o seu princípio nem o fim; não sabem o que é praticar retidão e não sabem abster-se de ação má. Nêles não há pureza, nem moralidade, nem veracidade.

8. Êles dizem que no mundo não há verdade nem justiça; negam a existência do Espírito Divino; acreditam que o mundo é produto do acaso, e que o fim da vida é o gozo material.

9. E vivem conforme estas idéias errôneas; são gente de intelecto mesquinho, ações desregradas, inimigos da Humanidade e praga do mundo.

10. Entregam-se aos prazeres carnavais e dizem que êsse é o mais alto bem. Mas nunca os prazeres sensuais os satisfazem, porque, mal um apetite obteve satisfação, já emerge um outro, cada vez mais imperioso. Esses homens são hipócritas, vaidosos e ilusos.

11. É impura a sua vida, porque, pensando que com a morte tudo se acaba, crêem que o supremo bem consiste na satisfação de seus desejos.

12. Enleados nas teias do desejo, entregam-se à volúpia, à ira e à avareza; prostituem as suas mentes e o seu sentimento de justiça, procurando acumular riquezas por meios ilegais, com o fim de terem com que satisfazer os desejos materiais.

13. Dizem êles: "Hoje obtive isto, e amanhã hei de obter aquilo, conforme o desejo do meu coração. Isto me pertence, e aquilo me pertencerá.

14. A este inimigo derrotei, e àquele derrotarei Eu sou o senhor ! Eu sou meu próprio deus, e tudo no mundo há de me servir para o meu gozo. Eu sou feliz, forte, poderoso!

15. Eu sou rico e nobre. Onde está outro que me iguale? Distribuirei esmolas entre a população, para que se conheça a minha liberalidade e se espalhe a minha fama!" Assim os engana a ignorância.

16. E confundidos pelos seus pensamentos e enleados na rêde da ilusão, procurando sempre só a satisfação dos seus desejos, precipitam-se no horrendo inferno (*Naraka*).

17. Alguns deles, em sua hipocrisia, desejam aparecer como bons perante o mundo e, por isso, praticam atos de piedade e ritos da religião, seguindo, entretanto, apenas a letra, e repelindo o espírito das doutrinas religiosas, e dando as esmolas com ostentação e com coração frio.

18. Êstes blasfemadores, egoístas e violentos, cheios de orgulho, voluptuosidade e ira, odeiam-Me e a tudo o que é bom, tanto em si mesmos, como nos outros sêres.

19. Êstes ímpios, malvados e aborrecedores, os mais vis entre os homens do mundo, são por Mim arrojados em demoníacas matrizes.

20. E caídos em demoníacos seios, alucinando-se de nascimento em nascimento, em vez de Me alcançarem, submergem-se nos mais profundos abismos.

21. Três são as portas dêste inferno destruidor do sêr: luxúria, ira e avareza. Delas se aparte, pois, o homem.

22. Quem se salva destas três portas tenebrosas, realiza a sua própria felicidade e assim atinge a Meta Suprema.

23. Mas quem despreza os mandamentos da Lei e se entrega aos impulsos do desejo, não consegue a perfeição, nem a felicidade, nem a Meta Suprema.

24. Portanto, sejam as Escrituras a tua norma na determinação do que deves e não deves fazer. Neste mundo, age sempre de conformidade com as Escrituras cujos preceitos conheces.

CAPÍTULO XVII

CRADDHA-TRAYA VIBHÂGA YOGA — AS TRÊS ESPÉCIES DE FÉ

A Fé é o movimento da alma em procura da salvação, e sua manifestação chama-se "culto divino" ou "culto religioso".

O homem pode procurar a salvação em três caminhos: no "exterior", contentando-se com ritos ou um Salvador fora de si; e no "interior", quando reconhece a presença do Salvador no centro do seu próprio ser espiritual.

1. Então dirigiu Arjuna ao Divino Mestre esta pergunta:

"Qual é a condição e o estado daqueles homens que com fé oferecem sacrifícios, embora menosprezem os preceitos da Lei escrita? É de *Sattwa*, *Rajas* ou *Tamas*?

2. Respondeu *Krishna*, o Sublime:

"De três tipos é a fé inata nos encarnados: pura, passional e tenebrosa (*sáttwica*, *rajásica* e *tamásica*). Escuta o que delas passo a dizer-te:

3. A fé de cada um, ó príncipe! reflete o caráter ou a natureza do homem. A fé constitui o homem; assim, qual seja a sua fé, tal será o homem.

4. Os homens nos quais predomina a Sattwa veneram seres espirituais elevados, dando-lhes os nomes de deuses e santos; os mais adiantados adoram a Mim, o Deus único. Os homens rajásicos veneram heróis e outros seres espirituais poderosos. Os tamasicos dirigem o seu culto aos espíritos inferiores, demônios e espectros.

6. Atormentando os elementos vivos nos seus corpos, a Mim mesmo Me atormentam, e associam-se aos demônios.

7. De três espécies são os alimentos apreciados pelos homens, e também de três são os sacrifícios, as austeridades e as esmolas. Escuta como se distinguem:

8. O alimento mais agradável ao homem puro é aquele que aumenta a vitalidade, o vigor, a saúde, preserva da doença, e traz o contentamento e a calma de espírito. Tal alimento tem bom sabor, mata a fome, não é nem demasiado amargo, nem demasiado azêdo, nem salgado demais, nem muito quente, picante ou adstringente.

9. Os homens rajásicos preferem o que é amargo, azedo, ardente, picante, bem salgado e fortemente temperado, que lhes excite o apetite e estimula o paladar, porém, que, finalmente, lhes acarreta moléstias, dôres e enfermidades.

10. Os homens tamásicos apetezem alimento rançoso, estragado, insulso, putrefato, corrompido e ainda as sobras de comida e outras imundícies.

11. Quanto aos sacrifícios e oferendas, eis a distinção: O homem sáttwico oferece o sacrifício conforme as prescrições das Escrituras, sem desejar recompensas firmemente convencidos de que estão cumprindo um dever.

12. O homem rajásico adora e oferece sacrifícios com a esperança de obter uma vantagem, preferência, prêmio ou recompensa, ou por motivos de vaidade e ostentação.

13. O tamasico pratica os atos de adoração e apresenta oferendas com fé, sem devoção, sem pensamento ou reverência, só porque quer seguir o costume.

14. Eis agora as três espécies de penitência, que são: a penitência corporal, lingual e mental. A penitência corporal consiste em respeitar os seres celestes, os homens santos, os iluminados,

os Mestres e guias do conhecimento, os sábios; e ser honesto, reto, casto e manso.

15. A penitência lingual consiste em prece silenciosa, e em falar com gentileza e mansidão afávelmente, evitando tôdas as palavras ofensivas, dizendo o que é verdadeiro e justo.

16. A penitência mental consiste no contemto e na igualdade de ânimo, tempera moderada, discricção, devotamento, domínio das paixões e pureza da alma.

17. Estas três espécies de penitência, praticadas com boa fé pelos homens amantes de Deus, que não as fazem com motivos egoístas, pertencem a *Sattwa*.

18. A penitência, praticada pelos hipócritas e com a esperança de obter vantagens pessoais, honra e boa fama, pertence a *Rajas*; esta é incerta e inconstante.

19. A penitência, motivada por algum fim insensato, para atormentar-se a si mesmo ou fazer mal aos outros, pertence a *Tamas*.

20. Quanto à prática de caridade, também é de três modos. Quando se dá esmola ou auxílio a uma pessoa digna, que não pode retribuí-lo, pelo

sentimento de dever, em lugar e tempo próprios, é um ato sáttwico.

21. Quando se dá um presente com a esperança de obter, por isso, recompensa ou vantagem, ou quando se dá com repugnância, é um ato rajásico.

22. E quando se dá esmola sem afabilidade, com desprezo, em lugar e tempo impróprios, ou quando se dá a um indigno, é um ato tamásico.

23. AUM — TAT — SAT: êste é o tríplice nome de Brama, a tríplice designação do ABSOLUTO. A esta fôrça devem a sua existência os Mestres e Iluminados, as Sagradas Escrituras e a Religião.

24. Por isso, aquêles que conhecem Brama, pronunciam sempre a palavra AUM (1), que significa o Eterno Poder Supremo, antes de praticarem qualquer ato religioso, ou antes de darem esmola.

25. TAT é o símbolo que indica que todos os entes têm o seu sêr eternamente em Deus; pronuncia-se na prática de vários sacrifícios, penitências e obras de caridade, para evocar a idéia de Unidade.

(1) Os cristãos dizem: *Em nome de Deus!*

26. SAT significa Verdade e Bondade, e pronuncia-se quando se pratica uma boa ação ou quando se observa uma boa qualidade.

27. Por isso, designa-se com a palavra SAT a perseverança, em sacrifício de si mesmo, penitência, renúncia, adoração mental e caridade, e tudo relativo a êstes fins.

28. Tudo, porém, que se faz sem fé e sem boa vontade, seja sacrifício, mortificação da carne, abstinência ou esmola, chama-se ASAT (nulidade) e não tem valor ou mérito, nem neste mundo nem no outro."

CAPÍTULO XVII

MOKSHA SANNYASA YOGA — A LIBERTAÇÃO PELA RENÚNCIA

Há três espécies de renúncia: uma tem por causa a ignorância; outra é motivada pelo desejo de obter coisa melhor do que aquela a que se renuncia; a terceira nasce do amor ao Altíssimo e não nutre desejos pessoais. A primeira espécie pertence a *Tamas*; a segunda, a *Rajas*; a terceira a *Sattwa*. Quem renunciou a tudo o que é característico do amor de si próprio e oferece a sua vida ao serviço da Divindade, cumprindo o seu dever por ser dever, e sem pedir recompensas; quem ama a Deus sobre tudo e todos os seres vivos como a si mesmo, alcança a União com o Absoluto, e nela a sua Salvação, tornando-se imortal.

Arjuna:

1. Quisera, ó Abençoado Senhor, conhecer em que consiste realmente a abstenção (*Sanyasa*) e renúncia (*Tyaga*).

Krishna:

2. Os exegetas entendem por *sanyasa* o abster-se dos atos dimanantes do desejo; os sábios dizem que *tyaga* é a renúncia dos frutos de tôdas as ações.

3. Uns opinam que tôda ação é pecaminosa e se deve abster-se dela; outros sustentam que jamais se devem omitir atos como os de sacrifício, esmolas e disciplina.

4. Escuta, pois, meu veredicto acerca da renúncia (*tyaga*). Tem-se dito que é de três espécies.

5. Os atos de sacrifício, esmolas e disciplina, e similares, não devem ser abandonados, mas praticados, pois purificam os yogis.

6. Êstes atos, como o *Yoga*, devem ser praticados, mas sem apêgo aos seus resultados e sem interesse pessoal. Tal é a minha firme convicção.

7. Não é correto abster-se alguém de uma ação inerente a sua própria condição. Tal abstenção deriva da ilusão e é considerada *tamásica*.

8. O que se abstém da ação para evitar incômodos corporais, dizendo: "isto é penoso", pra-

tica uma renúncia de natureza rajásica, e nada ganha cora essa renúncia.

9. Se alguém, sem apêgo nem visando resultados, pratica um ato inerente à sua própria condição, dizendo: "isto precisa ser feito", essa renúncia é tida como de natureza *sátwica*.

10. Quem não tem repugnância a fazer aquilo que não lhe dá proveito e não tem desejo do que lhe é vantajoso; quem é prudente e não nutre dúvida alguma, é um verdadeiro renunciador (*tyagi*).

11. Não há homem que possa abster-se de tôda a ação enquanto vive no corpo terrestre. Verdadeiro renunciador, é, porém, considerado quem se abstém de gozar os frutos de suas obras.

12. É tríplice o fruto da ação — desejável, indesejável e semi-desejável — que nas vidas futuras colhem aqueles que não renunciam. Mas quem renuncia, nada tem a colher.

13. Ouve agora quais são os cinco fatores que, segundo a filosofia Sânkya, requer o cumprimento de tôdas as ações:

14. O meio (o corpo), o agente (o eu), os órgãos motores, as energias e as divindades presidentes.

15. Qualquer obra boa ou má, em ação, palavra ou pensamento, tem como causas, esses cinco fatores.

16. Por isto, ofuscada está a mente e cega a visão de quem, por falta de conhecimento, se considera como o único agente.

17. Alguém que, abstendo-se da ação e não se ligando ao fruto, exterminasse aquelas hostes, não seria seu matador nem a tal ação se vincularia (1).

18. Cada ação tem três elementos causais: o conhecimento, o objeto do conhecimento e o conhecedor. Analogamente, cada ação tem três elementos de realização: o instrumento, a operação e o agente.

19. Também de três espécies são o conhecimento, a ação e o agente, em correspondência com as qualidades (*gunas*). Atenta no que sobre isto vou dizer-te.

20. Puro e de natureza *sátvica* é o conhecimento mediante o qual se vê em todos os seres o imperecível SÊR, indivisível no dividido.

(1) Veja-se Capítulo II:19; Capítulo III:29, e Capítulo V:8 e 9.

21. Passional e de natureza *rajásica* é o conhecimento que considera separadas as diversas e múltiplas existências dos seres.

22. Mas tenebroso e de natureza *tamásica* é o conhecimento que se fixa numa só coisa como se fôsse tudo, olhando-a fora da realidade, sob um aspecto mesquinho e irrazoável.

23. Pura é a ação cumprida por dever, sem apetecer o fruto, sem gosto nem repugnância, e livre de afeto interesseiro.

24. Passional é a ação cumprida por sugestão do desejo, por motivos egoístas ou determinações violentas.

25. Tenebrosa é a ação cumprida por causa do erro, sem reparar na sua eficácia nem nas conseqüências nocivas que possa acarretar a outros.

26. Puro é o agente livre de afetação e egoísmo, dotado de energia e perseverança, e inalterável no êxito e no fracasso.

27. Passional é o agente que, desejoso de obter fruto de suas ações, está denominado pela cobiça, maldade e impureza, oscilando entre impulsos de alegria e pesar.

28. Tenebroso é o agente hipócrita, vulgar, malévolo, negligente, contumaz, desconfiado, falaz e preguiçoso.

29. Triplicemente concorde com as qualidades (*gunas*) é também a divisão do Intelecto [*Buddhi* (1)] e da Constância [*Dhriti* (2)], segundo passo a descrever-te claramente e sem reservas.

30. Puro é o Intelecto de quem conhece a ação e a omissão, o que deve e o que não deve fazer-se, o temor e a intrepidez, a escravidão e a libertação.

31. Passional é o Intelecto que confunde o justo com o injusto, o que deve com o que não deve fazer-se, o bem com o mal.

32. Tenebroso é o Intelecto que imputa o bem pelo mal, o justo pelo injusto, e vê tôdas as coisas subvertidas e contrárias ao que realmente são.

(1) *Buddhi*: também traduzido por *Discernimento*.

(2) *Dhriti*: igualmente significa *vontade, firmeza, perseverança, resolução*.

33. Pura é a Constância que por meio do Yoga refreia a fogueira da mente, dos sentidos e dos alentos vitais.

34. Passional é a Constância que leva o homem ao cumprimento de seus deveres, com o desejo de colher o fruto das ações e desfrutar de riquezas e prazeres.

35. Tenebrosa é a Constância que mantém o homem submerso na preguiça, no medo, na tristeza, no abatimento e na vaidade.

36. E agora escuta de meus lábios as três distinções do prazer por cujo desfruto continuo tanto se alvoroça o homem e que lhe extingue as aflições.

37. Puro é o prazer que nascido do bendito auto-conhecimento, no princípio repugna como adstringente peçonha, mas no fim deleita, qual suavíssima ambrosia.

38. Passional é o prazer que nascido da união entre os sentidos e seus objetos, deleita no princípio qual suavíssima ambrosia, mas no fim repugna como adstringente peçonha.

39. Tenebroso é o prazer que no princípio e no fim conturba o ânimo, e provém da morbidez, da negligência e da preguiça.

40. Ninguém na terra nem mesmo entre os próprios deuses do céu, está isento destas três qualidades (*gunas*) oriundas da natureza.

41. Entre as castas dos *Brâhmanes* (sacerdotes, instrutores, intelectuais), *Kshattriyas* (militares, estadistas, políticos), *Vaishyas* (comerciantes, banqueiros, fazendeiros) e *Shudras* (domésticos, criados, serventes) foram distribuídos os *Karmas* (1), de conformidade com as qualidades dimanantes de sua peculiar natureza.

42. Animo tranqüilo, pureza, auto-domínio, austeridade, misericórdia, retidão, sabedoria, conhecimento e fé em Deus: tal é Karma dos brâhmanes, nascido de sua peculiar natureza.

43. Proeza, galhardia, vigor, garbo, destreza, generosidade e impavidez no combate: tal é o Karma dos kshattriyas, nascido de sua peculiar natureza.

(1) *Karma*: ação. Aqui significa o karma criado pelos atos, pensamentos e desejos do indivíduo em suas existências anteriores, e que atualmente constitui o seu *Dever* específico. Assim, pois, segundo Krishna, a casta ou classe social do indivíduo não é hereditária, mas oriunda de sua conduta pretérita.

44. Agricultura, pastoreio e comércio: tal é o Karma dos vaishyas, nascido de sua peculiar natureza.

45. Os serviços servia são o Karma dos shudras, igualmente nascido de sua peculiar natureza.

45. Alcança a perfeição quem quer que cumpra contente o seu próprio dever (1). Ouve agora como alcança a perfeição o indivíduo contente.

46. Êsse alcança a perfeição, adorando pelo cumprimento de seu próprio dever o Supremo Sêr de que emanam todas as vidas e que penetra todo o universo.

47. É preferível cumprir-se o próprio dever, embora inferior, a imiscuir-se no dever alheio, embora superior. Não incide em pecado quem cumpre seu dever congênito.

48. Que a ninguém repugne seu dever natural, embora seu cumprimento seja acompanhado de inquietações. Pois como a fumaça é ine-

(1) Também: karma congênito, tarefa.

rente a toda chama, assim são as inquietações em relação à ação.

49. Ao cumprir o seu dever, que êle permaneça desapegado de quaisquer espécies de resultado, conserve sua mente totalmente concentrada e afaste de si tôda preocupação, quanto ao executor. Mediante esta renúncia atingirá êle a meta superior que se galga mediante o Yoga do Conhecimento.

50. Aprende também brevemente de Meus lábios, ó filho de Kunti, como quem conquistou esta meta, chega à unificação com Deus, que é a etapa suprema da realização.

51. Com a mente saturada de plenos e claros conhecimentos acerca da verdadeira natureza do Espírito; sendo perseverante no domínio da mente; tendo abandonado tôda aliança com objetos sensórios, e estando livre de influências do amor e ódio;

52. Sendo frugal na dieta, e com a palavra, o corpo e a mente educados na obediência, sente-se êle num lugar solitário e pratique sempre a meditação, cultivando o desapaixonamento.

53. Finalmente, banindo de si o egoísmo, a resistência, o orgulho, o desejo, o rancor e o sen-

so de posse, alcançará êle aquela paz que o capacitará a unificar-se com Deus.

54. Unificando-se com Deus, êle é sereno; na da mais o entristece, nem êle deseja; ama por igual todos os sêres, e Me ama intensamente.

55. Com êste amor intenso, êle sabe claramente quem sou e o que sou. Conhecendo-Me claramente, com êsse mesmo amor, êle penetra em tão em Mim.

56. Realize êle tôdas as ações refugiado em Mim, e não apenas o seu dever próprio, e por Minha graça alcançará a perfeição, eterna e imutável.

57. Dedicar tu, em pensamento, tôdas as tuas ações a Mim, e perseverando nesta atitude, estarás sempre com tua mente fixa em Mim.

58. Com tua mente fixa em Mim, com Minha graça vencerás todos os obstáculos.

59. Se, confiando apenas em ti, pensares "não lutarei", e evitares a luta, vã será a tua de terminação, pois tua natureza té lançará à luta.

60. Ó filho de Kunti! O que por ilusão não desejares fazer, isso farás irremediavelmente, forçado pelos impulsos de tua própria natureza.

61. O Senhor Supremo como que atou todos os seres a uma roda girante de corpos, e habitando em seus corações, fá-los mover-se atraídos pelos objetos sensórios.

62. Portanto, obedece de coração o conselho dêsse mesmo Senhor. Por Sua graça alcançarás a Paz Suprema e a mansão imperecível.

63. Assim te transmiti Eu o conhecimento, que é o mistério dos mistérios. Medita cuidadosamente nêle e age como preferires.

64. Escuta de novo, é ouve Minha última palavra, referente ao maior de todos os mistérios. Por seres o meu muito amado, Eu te digo aquilo que te convém.

65. Fixa tua mente em Mim; sê Meu devoto; serve-Me; prostrate-te diante de Mim, e dêsse modo chegarás até Mim. Esta é a pura verdade, Eu te declaro, pois és Meu muito amado.

66. Desiste de tôdas as obrigações religiosas, e toma-me como teu único refúgio. Eu te libertarei de tôdas as dificuldades. Não te aflijas.

67. Disto não digas nada ao mundano, nem ao ímpio, nem ao que não quer ouvir, nem ao que Me maldiz.

68. Mas quem com sublime devoção divulgar êste Segrêdo entre Meus devotos, chegará até Mim sem dúvida alguma.

69. Entre os homens ninguém poderá oferecer-Me serviço mais grato que êste, nem nenhum outro homem será tão amado por Mim na terra.

70. E quem meditar neste nosso Santo Colóquio, por meio dêle me adorará com o sacrifício da Sabedoria (1). Tal é a Minha vontade.

71. E também o homem que, cheio de fé, o escutar tão só sem malícia, alcançará, livre do mal, o esplendente mundo dos justos.

72. Ouviste-Me atentamente, ó filho de Prithá? Desvaneceu-se essa tua ilusão, filha da ignorância, ó Dhananjayal?

Arjuna:

73. Desvanecida está a minha ilusão. Por Tua graça adquiri o conhecimento, ó imutável

(1) O *Jnana-Yajna* (Sacrifício da Sabedoria) é considerado superior a todos os demais atos sacrificiais, porque é o que conduz diretamente à libertação.

Senhor Estou decidido. Dissiparam-se as minhas dúvidas. Agirei segundo Tua palavra.

Conclui *Sanjaya*:

74. Assim ouvi esse maravilhoso Diálogo entre o Divino Krishna e o nobre Arjuna. E ao ouvi-lo, eriçavam-se-me os cabelos.

75. Por mercê de Vyasa (1) conheci este mistério do Yoga, revelado pela palavra do próprio Krishna, o Senhor do Yoga.

76. Ó Rei, quanto mais recordo e me lembro deste maravilhoso e sagrado Diálogo entre Keshava e Arjuna, tanto mais me regozijo.

77. E quando recordo e me lembro daquela maravilhosíssima transfiguração de Hari (2), aniquilome de assombro, ó Rei, e outras tantas vezes me rejubilo.

78. Onde quer que esteja Krishna, o Senhor do Yoga, e onde quer que esteja Partha, o ar-queiro, ali imperarão seguramente a grandeza, a

(1) A Vyasa Dvaipayana são atribuídas a composição do *Bhagavad Gîtâ* e a autoria do *Mahabharata*, Foi um grande yogi, dotado de poderes sobrenaturais.

(2) Um dos nomes de Vishnu e de Krishna.

prosperidade, a vitória, a felicidade e a justiça eterna.

Assim termina aqui, no Bhagavad-Gîtâ, a Essência dos Upanishads, que é a Ciência de Brahma e do Yoga, o maravilhoso Diálogo entre Sri Krishna e Arjuna.

PAZ A TODOS OS SÊRES

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	5
Introdução	7
Capítulo	
I — O Desanimo de Arjuna	18
II — Sankhya Yoga — A Verdadeira Natureza do Espírito.....	25
III — Karma Yoga — O Reto Cumprimento da Ação	43
IV — Jnana Yoga — O Conhecimento Espiritual	55
V — Karma Sanyâsa-Yoga — Renúncia das Obras	65
VI — Âtma Sanyama Yoga — Meditação ou Subjugação ao Eu Superior	78
VII — Vijñâna Yoga — Discernimento Espiritual	85
VIII — Akshara Parabrahma Yoga — O Caminho para a Divindade Suprema	93
IX — Râja-Vidyâ — Râja-Guhya Yoga — A Sublime Ciência e o Soberano Segredo	101
X — Vibhuti Yoga — A Excelência Divina	109
XI — Viçva-Rupa-Dârçanam — A Visão da Forma Divina Universal	117
XII — Bhakti Yoga — União pela Devoção	127
XIII — Kṛhtra-Kshetrajña-Vibhâga — O Campo e o Conhecedor do Campo	131
XIV — Guna-Traya-Vibhâga Yoga — As Três Gunas ou Qualidades da Matéria	139
XV — Purushôttama-Prâpti Yoga — O Conhecimento do Espírito Supremo	145
XVI — Daiva-Sârasaupad Vibhâga Yoga — Discernimento entre o Divino e o Demoníaco	149
XVII — Çraddha-Traya Vibhâga Yoga — As Três espécies de Fé	155
XVIII — Moksha Sannyâsa Yoga — A Libertação pela Renúncia	161

Também conhecido como *A Canção do Senhor*, *A Sublime Canção* ou *A Mensagem do Mestre*, o *Bhagavad Gītā* é a essência do conhecimento védico da Índia e um dos grandes clássicos da literatura espiritual e filosófica do mundo.

Em seu sentido literal, como a parte mais conhecida do *Mahābhārata*, a maior obra da literatura sânscrita e uma das mais importantes da literatura universal, contém os conselhos de Krishna — a suprema personificação da Divindade — a Arjuna, seu confidente, amigo e devoto, procurando livrá-lo da inquietude e da perplexidade em que se encontrava, na iminência de uma luta contra seus próprios parentes.

Mas, além desse sentido histórico, material ou literal, o *Bhagavad Gītā*, como toda Escritura Sagrada, tem ainda vários graus de sentido espiritual ou esotérico, figurando a perplexidade de Arjuna a luta que se trava no interior de cada homem entre o Bem e o Mal, entre as forças superiores da Alma e suas forças inferiores. Krishna, que lhe explica a verdadeira natureza humana e a sua relação com Deus, é o Verbo de Deus, o Logos ou o Cristo em nós, o nosso imortal Ego Divino.

A filosofia perene do *Gītā* intrigou a mente filosófica do homem, tanto do Oriente quanto do Ocidente, a ponto de provocar as declarações mais entusiasmadas por parte de alguns de seus maiores pensadores, como esta, de Henry Thoreau: "... Comparado com o *Gītā*, o nosso mundo moderno e sua literatura parecem insignificantes e triviais"; ou definições consagradas como esta, que lhe foi dada por Wilhelm von Humboldt: "A coisa mais profunda e mais sublime de que dispõe o mundo".

EDITORA PENSAMENTO